

# O LISIPO

BOLETIM DO  
GRUPO

"AMIGOS DE  
LISBOA"



ANO  
VII

N.º  
28



OUTUBRO

1944



## PÉROLA DO ROCIO, L.<sup>DA</sup>

ENVIO DE ENCOMENDAS

Para todo o País e Estrangeiro

CASA ESPECIALIZADA EM:

Chá

Café

Bolachas

Bombons

Chocolates

**Rocio, 105 — LISBOA**

TELEFONE: 2 0744

## Miguel A. Fraga, L.<sup>da</sup>

**OURIVESARIA, RELOJOARIA  
E JOALHARIA**

Grande sortido de **Monogramas**, em ouro e prata,  
para carteiras.

**Há sempre jóias em 2.<sup>a</sup> mão**

**TUDO MAIS BARATO**

**OURO só pelo peso**

**Compra-se Ouro, Pratas e Brilhantes**

Descontos especiais a todos os  
«Amigos de Lisboa»

ESPECIALIDADE EM ANÉIS, MEDALHAS,  
ALFINETES, ETC., COM RETRATOS ES-  
MALTADOS EM TODOS OS FORMATOS.

**Rua da Palma, 26-28 — LISBOA**

# CASA AFRICANA

Rua Augusta, 161 / Telef. 24264-65 P B X / **Lisboa**

R. Sá da Bandeira, 166 / Telef. 1361 P B X / **Pôrto**

Secção de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sêdas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrozaria, Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para Homens, Senhoras e Crianças

**Preços fixos e marcados em todos os artigos**

ON PARLE FRANÇAIS

ENGLISH SPOKEN

AS EDIÇÕES DA  
PORTUGÁLIA Editora

São as melhores obras dos  
mais célebres autores mun-  
diais, em traduções esmera-  
das, textos completos, com  
boa apresentação gráfica,  
capas por apreciados artis-  
tas, e encontram-se à venda,  
a preços acessíveis, em tôdas  
as boas livrarias do país.

PORTUGALIA Editora

AVENIDA DA LIBERDADE, 13-3.º  
LISBOA

AO PEDIR  
ÁGUA MINERAL  
PEÇA



LEVE, ESTOMACAL, LÍMPIDA

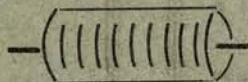
*Efeitos imediatos na digestão*



À venda em tôda a parte

*Editorial*  
IMPÉRIO  
LIMITADA

TRABALHOS  
GRÁFICOS  
EM TODOS  
OS GÊNEROS



COMPOSIÇÃO  
MANUAL E  
MECÂNICA  
IMPRESSÃO  
ENCADERNAÇÃO

OFICINAS  
RUA DO SALITRE, 151-155  
TELEFONE 53173/4 — LISBOA

# COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

## SERVICO DE CARGA E PASSAGEIROS

Funchal, S. Tomé, Sazaire, Luanda, Pôrto Amboim, Lobito, Mossâmedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique e para mais portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeitos à baldeação em Luanda e Lourenço Marques.

### LINHA RÁPIDA DA COSTA OCIDENTAL

SAÍDAS MENSAIS REGULARES, COM ESCALA POR:

Príncipe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Pôrto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Benguela e demais portos da Costa Ocidental, sujeito a baldeação em Luanda.

### LINHA DA GUINÉ

SAÍDAS MENSAIS REGULARES, COM ESCALA POR:

S. Vicente, Praia, Bissau e Bolama.

### LINHA DA AMÉRICA DO NORTE

VAPORES DE PASSAGEIROS

«Serpa Pinto» .....	8.267 ton.
«Mouzinho» .....	8.374 »
«Colonial» .....	8.309 »
«João Belo» .....	7.540 »
«Guiné» .....	3.200 »

### FROTA

### LINHA DO BRASIL

VAPORES DE CARGA

«Lugela» .....	8.340 ton.
«Huambo» .....	7.060 »
«Luango» .....	7.056 »
«Pungue» .....	6.290 »
«Bailundo» .....	5.650 »
«Malange» .....	5.050 »
«Lobito» .....	4.200 »
«Buzi» .....	2.160 »
«Sena» .....	1.420 »
«Micondó» (costeiro) .....	270 »

### ESCRITÓRIOS

#### LISBOA

Rua do Instituto Vergílio Machado, 14  
(à Rua da Alfândega)  
Telefone 2 0052

#### PÓRTO

Rua Infante D. Henrique, 9  
Telefone 2 324

OS PRODUTOS DA:

## Companhia Portuguesa de Tabacos

SÃO OS PREFERIDOS  
PELO FUMADOR EXIGENTE

**PICADOS:** «Superior», «Francês»,  
«Virgínia», «Duque», «Holandês», e  
«Águia»

**CHARUTOS:** «Irene» e «Argonautas»

**Cigarrilhas** Gamas, Avis, Diana, Legionários,  
Delta, Eureka, Menta, Lusos, Pro-  
visórios, Sporting, Navalistas,  
Elegantes, Turquezas, Tip-Top,  
Tégus, Sereias Luxo, Sado, Argos, Ases Sagres,  
Chic, Lisboa P. Peitoral.

SÃO MARCAS DA

## Companhia Portuguesa de Tabacos

Arrendatária das Fábricas  
e marcas de Tabacos do Estado

# COMPANHIA DAS AGUAS DE LISBOA

Sociedade Anónima de responsabilidade  
LIMITADA



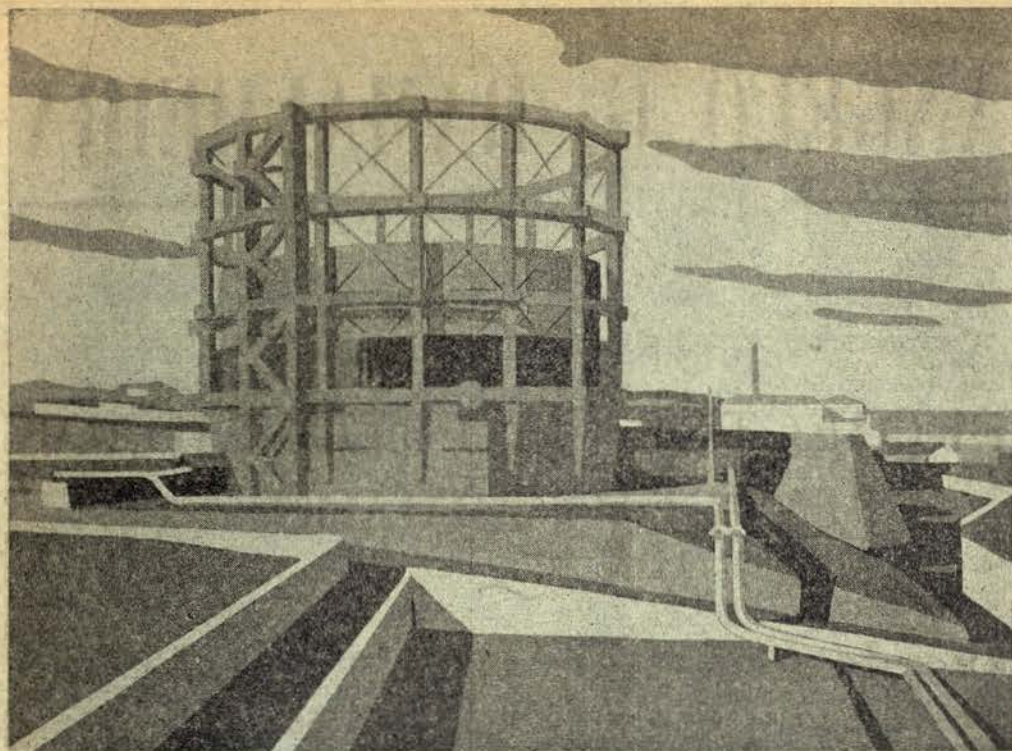
Capital 50.000.000\$00



SÉDE

Avenida da Liberdade, 24

LISBOA



APROVEITE AS FACILIDADES DO MOMENTO PARA CONSTITUIR  
UMA PEQUENA RESERVA CASEIRA DE **CARVÃO DE COQUE**,  
A UTILIZAR NO INVERNO — ÉPOCA EM QUE SE VERIFICAM  
NORMALMENTE DIFICULDADES DE ABASTECIMENTO.  
FAÇA AS SUAS ENCOMENDAS, QUER PELO TELEFONE, 22011,  
QUER AO BALCÃO DA RUA DO CRUCIFIXO, 57, QUER POR  
CARTA DIRIGIDA À REPARTIÇÃO DE SUB-PRODUTOS DAS

## COMPANHIAS REÜNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE



FAÇA AS SUAS RECLAMAÇÕES PELO TELEFONE, 20022 — QUATRO LINHAS  
**SERÁ RÁPIDAMENTE ATENDIDO**

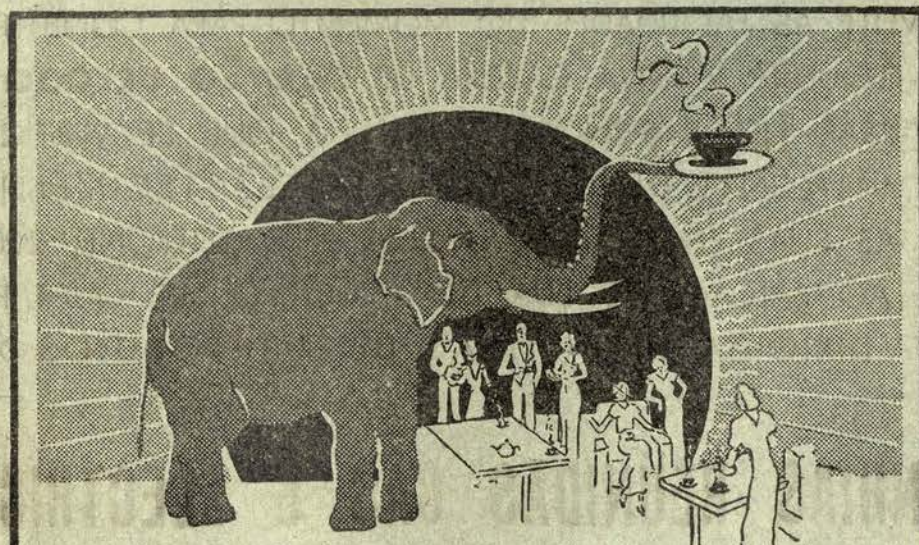
# ANGELO G. RAMALHEIRA

— ENGENHEIRO CIVIL —

CONSTRUÇÕES  
PROJECTOS DE ESTABILIDADE  
BETÃO ARMADO

Rua da Madalena 211-3.º — LISBOA

TELEFONES 28933 — 51556



## CHÁ CELESTE

*preto e verde, uma delícia!*

Oferta

27. JUL. 1988

M.

ANO VII

OUTUBRO DE 1944

NÚMERO 28

# OLISIPO

DIRECTOR: MATOS SEQUEIRA

EDITOR: FRANCISCO VALENÇA

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

SEDE: RUA GARRETT, 62, 2.º — TELEFONE 2 5711

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA A TODOS OS SÓCIOS

## SUMARIO



- O OBSERVATORIO DO INFANTE D. LUIZ E A CIDADE DE LISBOA  
pelo *Dr. H. Amorim Ferreira*
- TOPONIMIA CITADINA — O BECO DA RE E A TRAVESSA DOS ESCALERES  
por *Luiz Pastor de Macedo*
- LUCIANO CORDEIRO, FUNDADOR DA «CARRIS»  
por *J. M. Cordeiro de Sousa*
- A IGREJA DE SANTA ENGRACIA, PANTEAO NACIONAL  
pelo *Arq. António do Couto*
- UM HOMEM DE CONVICÇÕES  
por *Cardoso Martha*
- RELAÇÃO DAS CASAS FOREIRAS, EM 1539, A IGREJA DE S. CRISTÓVÃO (continuação)  
por *Ferreira de Andrade*
- OBRAS OFERECIDAS E ADQUIRIDAS PARA A BIBLIOTECA

OS ARTIGOS AQUI PUBLICADOS SÃO DE EXCLUSIVA RESPONSABILIDADE DOS SEUS AUTORES

COMP. E IMP. NA «EDITORIAL IMPÉRIO, LIMITADA» - R. DO SALITRE, 153 - TELEF. 5 3173 - LISBOA





# O Observatório do Infante D. Luiz e a cidade de Lisboa

Palestra proferida na visita do Grupo a este estabelecimento em 23 de Julho último, pelo professor da Universidade de Lisboa e director do Observatório

**Doutor H. AMORIM FERREIRA**

A visita dos «Amigos de Lisboa» ao Observatório do Infante D. Luiz é motivo de satisfação e de esperança, para todos nós que trabalhamos no Observatório. De satisfação, porque os amigos da cidade de Lisboa que ainda o não conhecem passarão a ser (estamos certos disso) amigos do Observatório logo que o vejam tal qual é: um dos estabelecimentos mais antigos de Lisboa, que em 90 anos de trabalho tem contribuído para prestigiar o nome da cidade nos meios cultos de Portugal e do estrangeiro. De esperança, porque o fortalecimento de um ambiente de amizade e simpatia em volta do Observatório ajudará os que nêle trabalham a ir por diante no propósito de manter o prestígio do estabelecimento e de o transmitir, ampliado, se possível fôr, àquêles que vierem depois de nós.

O Observatório do Infante D. Luiz foi o primeiro estabelecimento científico da sua categoria que existiu em Portugal; e tem funcionado sem interrupção desde 1 de Outubro de 1854. Fundado na antiga Escola Politécnica, pertence actualmente à Universidade de Lisboa; e além de observatório meteorológico, magnético e sismológico da cidade, é o instituto central da rede climatológica portuguesa.

Foi na sessão do Conselho da Escola Politécnica de 21 de Julho de 1853 que o lente de Física, Dr. Guilherme Pegado, pediu que no ângulo nordeste do edificio ainda em ruínas (desde o grande incêndio de 22 de Abril de 1843), se mandasse construir «uma casa para observações meteorológicas». O Conselho concordou; e logo votou para esta construção a quantia de 200\$000 réis, elevada para 400\$000 réis na

nessão seguinte. A construção começou imediatamente e estava concluída nos fins do verão de 1854.

Pouco depois do Observatório começar a funcionar, o Dr. Guilherme Pegado dirigiu ao Infante D. Luiz, irmão do senhor D. Pedro V, uma alocução a pedir que se dignasse tomar sob a sua protecção o Observatório, «estabelecimento recentíssimo formado nesta localidade em pequeno e modesto edifício, mas que já tem apresentado ao público uma certa quantidade de trabalhos». O Infante acedeu; e o beneplácito de El-Rei foi concedido no seguinte decreto:

«Sendo de todo o meu aprazimento anuir ao desejo do Infante D. Luiz, meu muito prezado irmão, capitão-tenente da armada, de tomar debaixo da sua protecção o observatório denominado Meteorológico da Escola Politécnica, no qual exhibe um novo testemunho do seu decidido amor pela ciência e revela a sua simpatia por uma instituição que tem merecido, sobretudo nestes últimos tempos, o desvêlo dos Governos e das associações científicas; e que, animada e desenvolvida nesta parte do continente europeu, deve contribuir muito para completar as séries de observações em que actualmente se prossegue com afinco por mar e terra, perpetuando assim nêstes reinos os serviços que a civilização já outrora lhe devera: hei por bem determinar que o referido observatório tenha a denominação de Observatório Meteorológico do Infante D. Luiz, na Escola Politécnica. Os Ministros e Secretários de Estado dos Negócios da Guerra e da Marinha e Ultramar o tenham assim entendido e façam executar. Paço das Necessidades, em 1 de Julho de 1856. — REI—*José Jorge Loureiro—Visconde de Sá da Bandeira*».

Foi sempre grande, de resto, o carinho da Família Real portuguesa por êste estabelecimento. No livro de visitantes estão registadas três visitas do senhor D. Pedro V ao Observatório, uma em 5 de Fevereiro de 1856, outra em 15 de Outubro de 1858, acompanhado da Rainha que assinou «D. Stephania», e a última em 10 de Outubro de 1859, acompanhado do Infante D. João, Duque de Beja.

A assinatura do Infante D. Luiz, Duque do Pôrto, patrono do Observatório, aparece pela primeira vez no livro de visitantes em 10 de Agôsto de 1857, a acompanhar a do Príncipe Guilherme de Orange; e mais tarde, em Junho de 1858, a acompanhar a do Príncipe Leopoldo de Hohenzollern.

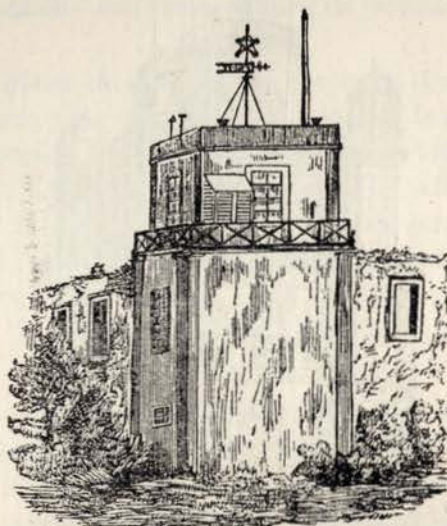
Depois do Rei, o senhor D. Luiz I presidiu em 24 de Outubro de 1863 à inauguração do novo edifício do Observatório, que é o actual, para cuja construção contribuíra com 12.000\$000 réis deduzidos das doações da sua lista civil. Dois anos depois, em 1865, acompanhado do Príncipe Amadeu de Saboia e do Infante D. Augusto, escreveu: «Folgo tôdas as vezes que posso registar incremento e melhoramentos nos estabelecimentos do Estado, e sobretudo neste a que voto particular afeição. — *D. Luiz.*

O senhor D. Carlos e a senhora D. Amélia visitaram o Observatório em 6 de Novembro de 1895; o Infante D. Afonso Henriques, Duque do Pôrto, em Setembro de 1877; e o senhor D. Manuel II em 3 de Julho de 1908.

Por três vezes aparece a assinatura «D. Pedro de Alcântara» do Imperador do Brasil D. Pedro II: em 1871, em 1877 e em Dezembro de 1889, logo depois de chegar a Lisboa, proclamada a república no

Brasil. A Princesa Isabel, sua filha, esteve no Observatório em Junho de 1865 com o marido Gastão de Orleans, Conde d'Eu. Os Príncipes Francisco, António e Fernando de Orleans e Augusto de Saxe-Coburgo-Gotha e o Presidente Kruger da África do Sul também visitaram o Observatório.

Mas não só reis, príncipes e chefes de Estado se interessaram pelo Observatório. Pode dizer-se que tôda a gente de categoria que viveu



*O primeiro edificio do Observatório  
(1854-1863)*

em Lisboa e por aqui passou deixou o seu nome no livro de visitantes do Observatório. Foram o Duque de Palmela, o Marquês de Sousa e Holstein, Carlos Ribeiro, Néri Delgado, Fontes Pereira de Melo, Anselmo J. Braamcamp, António José d'Ávila, Tomaz Ribeiro, Sá da Bandeira, Dr. Barral, Dr. Bernardino A. Gomes, Dr. May Figueira, M. M. Bordalo Pinheiro, os ministros de Espanha, dos Estados Unidos e da França, o arcebispo de Trebizonda, os bispos de Cabo Verde e de Viseu, Sainte Claire Deville, De Quatrefages etc.

O senhor General Carmona, presidente da República, visitou o Observatório em 12 de Junho de 1939.



*O actual edificio do Observatório*  
(ao ser inaugurado, em 1863)

O Dr. Guilherme Pegado, lente de Física da Escola Politécnica, fundador do Observatório, dirigiu-o só durante quatro anos. Em 1858 foi substituído pelo lente Joaquim António da Silva, médico, natural de Lisboa, que morreu dois anos depois, com 30 anos de idade. De 1860 a 1875 dirigiu o Observatório o Cons.º Joaquim H. Fradesso da Silveira, natural de Lisboa, lente da Escola Politécnica, pessoa de extraordinário relêvo na sociedade do seu tempo, que muito fez para ampliar o prestígio do Observatório em Portugal e no estrangeiro. O almi-

rante João Capêlo, que lhe sucedeu, trabalhou no Observatório durante 46 anos, 20 como observador e 26 como director: foi trabalhador infatigável, de grande capacidade científica. Já no século XX, os directores foram o Cons.º Adriano A. de Pina Vidal (1901-10), o General João

M. de Almeida Lima (1910-29) e o Dr. A. Cirilo Soares (1929-37), todos professores da Universidade de Lisboa.

Logo a seguir à fundação, atingiu o Observatório do Infante D. Luiz posição de relêvo no mundo científico; e o prestígio do Observatório recaía sobre a cidade de Lisboa que êle representava.

Em 1865 Buys-Ballot, director do Instituto Meteorológico de Utreque, chama ao observatório de Lisboa «l'Observatoire le plus complet du continent»; e falando das publicações do Observatório, diz que «se se atender à exactidão, às minúcias e à forma, não se podem citar publicações mais completas de um observatório meteorológico». No ano seguinte, o mesmo Buys-Ballot chama-lhe «un observatoire de premier ordre».

Na *Revue Universelle des Mines* de 1872, J. Graindorge diz: «l'Observatoire de Lisbonne occupe un rang distingué... il possède tous les moyens d'observation les plus complets et se tient au courant de tous les perfectionnements». Em 1880 D. Luiz M. y Garcia escreve: «Me interesan mucho las observaciones de Lisboa por ser de las más completas que se hacen en la península ibérica». Em 1887 F. Fouqué, professor do Colégio de França, escreve para Lisboa: «Vos observations sont certainement les plus nettes de toutes celles qui ont été faites jusqu'à ce jour».

Em 24 de Novembro de 1941 o professor da Universidade de Budapeste e director do Instituto Meteorológico da Hungria, A. Réthly, escreve: «C'est avec la plus grande reconnaissance que je vous remercie de l'envoi de vos publications très appréciées. Il nous fait grand plaisir de recevoir sans défaut les résultats de vos observations même dans ces jours graves».

Em 29 de Maio de 1942 o chefe da secretaria da Organização Meteorológica Internacional agradece de Lausanne o volume I de *O Clima de Portugal* e diz: «C'est avec un plaisir véritable que je vois la belle réussite de vos efforts... Le résultat de votre travail constitue un remarquable encouragement pour d'autres pays... De plus, le perfectionnement de la climatologie au Portugal, obtenu grâce à vos soins, représente déjà en soi un grand progrès pour la science comme telle».

Citam-se estas opiniões de estrangeiros porque elles estarão (e nalguns casos certamente estão) em condições de poder apreciar com maior objectividade a eficiência dos serviços do observatório de Lisboa, quer em absoluto, quer em relação a institutos similares de outros países.

O Observatório do Infante D. Luiz, instalado no edificio da Escola Politécnica e no Jardim Botânico, além de instituto central de rede climatológica portuguesa, é o observatório meteorológico, magnético e sismológico da cidade de Lisboa, como já se disse. Deve notar-se que o observatório astronómico de Lisboa foi fundado poucos anos depois d'este e está instalado na Tapada da Ajuda.

A secção meteorológica do Observatório tem funcionado inin-



*No anfiteatro de Física da Faculdade de Ciências o sr. Prof. Amorim Ferreira fala aos «Amigos de Lisboa»*

terruptamente desde Outubro de 1854. A secção magnética começou a funcionar em Julho de 1857 e depressa se desenvolveu, dando grande renome ao Observatório, porque era, incontestavelmente, dos melhores do mundo; mas em 1902, com a instalação da rede de tracção eléctrica na cidade, as observações deixaram de ter interesse científico, e passados alguns anos foram interrompidas, sem que até agora tenha sido possível restabelecê-las. A secção sismológica foi instalada bastante mais tarde, como consequência do chamado terramoto de Bena-

vente em 1909: os dois sismógrafos adquiridos pelo Governo ficaram instalados em 1920; e o serviço das observações, interrompido em 1926, recomeçou em 1939.

O Conde dos Olivais e Penha Longa adquiriu e ofereceu um sismógrafo Mainka que em 1910 já estava no Observatório. O facto seria interessante em qualquer parte do mundo; mas é-o ainda mais em Portugal, pela raridade com que entre nós se registam actos desta natureza.



O Observatório tem várias publicações periódicas. Dos *Anais* sai por ano um volume constituído por três partes: a 1.<sup>a</sup> parte trata das observações meteorológicas de Lisboa; a 2.<sup>a</sup> parte trata das observações feitas nas estações meteorológicas do continente e ilhas; a 3.<sup>a</sup> parte trata das observações sismológicas. Outras publicações periódicas são o *Resumo Mensal das Observações Meteorológicas*, os *Boletins Climatológicos* mensais do Estoril, do Funchal e da Praia da Rocha, e o *Boletim Meteorológico Diário*.

Além destas o Observatório tem muitas publicações eventuais que estarão expostas na sala da Biblioteca durante a visita dos «Amigos de Lisboa». A última que apareceu foi a *Distribuição da chuva no território do continente português*, acompanhada da *Carta Pluviométrica de Portugal*, comunicação apresentada pelo Director do Observatório ao I Congresso Nacional de Ciências Agrárias (Lisboa, Dezembro de 1943).

Das publicações eventuais do Observatório indicam-se as seguintes, que se referem *exclusivamente* a Lisboa: *As chuvas em Lisboa* (1861), publicações várias sobre magnetismo terrestre (1861-1894). *Resumo dos principais elementos médios do inverno no período 1856-1867* (1868), *Resumo das principais observações meteorológicas executadas no período 1856-1875* (1877), *Temperatura do ar em Lisboa* (1878), *Electricidade atmosférica* (1879), *Préssion atmosphérique à Lisbonne* (1879), *La Pluie à Lisbonne*, *Humidade do ar em Lisboa* (1888), *Acêrca do clima de Lisboa* (1905), *Subsídios para o clima de Lisboa — Temperatura* (1905), *Le climat de Lisbonne et sa variation*

(1912), *Resumo das principais observações meteorológicas feitas em Lisboa no período 1856-1935* (1936) e *O regime de chuvas em Lisboa* (1942).

O Observatório do Infante D. Luiz é, portanto, um estabelecimento que no campo científico tem trabalhado e contribuído para o prestígio da cidade de Lisboa. Para que êle continue a honrar o nome desta «mui nobre e sempre leal cidade», os que trabalham no Observatório contam com a amizade e a simpatia dos «Amigos de Lisboa».



# TOPONIMIA CITADINA

## — O Beco da Ré e a Trav. dos Escaleres

por LUIZ PASTOR DE MACEDO

Pode-se dizer que há trinta anos que eu cismava na origem do nome daquele bêco que começa e acaba, depois de formar dois ângulos rectos, na rua da Praia do Bom Sucesso.

Bêco da Ré porquê? — perguntava eu aos meus poucos anos quando por ali passava. Talvez que um daqueles barquitos que balouçavam defronte da praia, ao desfazer-se, de velho, tivesse sido a origem da denominação. Partido pelo meio, a sua parte posterior, a ré, teria estado para ali, já afastada das marés, o tempo preciso para que a gente do sítio a fixasse como motivo denominativo do bêco nascente ainda inominado. Teria sido assim? Ou o nome fôra deixado ali ficar por alguma mulher que lá tivesse morado e que tivera a desventura de ter-se sentado no banco dos réus? Fôsse lá saber-se... Mas o mais plausível — concluía no meu cogitar — era tomar-se como origem do vocativo a pôpa dum barco que para ali tivesse estado a acabar de apodrecer...

Pois só há dias descobri que o bêco tem aquele nome porque nele morou o sr. Francisco Ferreira Ré que era casado com a sr.<sup>a</sup> Maria Alexandrina Rosa Duarte, de quem teve alguns filhos, pelo menos quatro, todos êles nascidos numa daquelas casas do bêco, ao tempo, de 1827 a 1839, ainda sem nome próprio e portanto partilhando da denominação de rua da Praia do Bom Sucesso ou de travessa das Freiras do Bom Sucesso que assim parece ter-se chamado também a rua da Praia (a não ser que o nome de travessa das Freiras fôsse já aplicado ao bêco o que aliás não me parece muito provável).

Objectar-se-á agora e com tôda a razão: mas se foi o sr. Francisco Ferreira Ré quem denominou o bêco êste devia ser *do Ré* e não

*da Ré...* Pois devia e foi. *Bêco do Ré* é que é o nome que pela primeira vez os roteiros lhe dão — já o verificámos — mas a gentinha daquelas paragens entrou depois a mudar-lhe o artigo e *da Ré* ficou.

Já agora, naturalmente, assim ficará pelos tempos fora e de certo sem grande prejuízo para a memória do morador que ali, de forma tão evidente, deixou o registo da sua estadia.



A *travessa dos Escaleres*, como o leitor sabe, fica na rua da Junqueira, e estabelece uma das ligações que existem entre esta rua e a avenida da Índia, e os escaleres que lhe deram o nome foram os que pertenciam à Casa Real e que para ali foram no rastro de el-Rei D. José I depois do terremoto de 1755.

Em 1767, João Gomes, «patrão dos escaleres de Sua Magestade» morava na Junqueira e falecia nesse mesmo ano, nas suas casas de morada, em 14 de Janeiro. Mas só em 1779 é que encontro os primeiros moradores «aos Escaleres». A classificação de travessa foi-lhe dada muito mais tarde, só depois de 1870.

A indicação do *sítio dos Escaleres*, segundo anúncios publicados na *Gazeta de Lisboa*, serviu durante algum tempo para determinar uma zona da extensa Junqueira.

Também por aquelas paragens encontrará o leitor as travessas das Galeotas e dos Algarves, aquela lembrando as galeotas reais que para ali foram pelo mesmo tempo que os escaleres, e a segunda recordando os *algarves* ou *algarvios* que formavam as tripulações de umas e de outras daquelas embarcações e que desde que para ali foram, até, pelo menos, ao fim do século de setecentos, se recolhiam sob um telheiro. A artéria só nos aparece formada nos princípios do pretérito século, mas assim classificada — bêco dos Algarves.

No enfiamento da travessa das Galeotas houve um cais que teye o mesmo nome, no qual atracava muitas vezes um pequeno vapor denominado «Dragão» onde el-Rei D. Luiz costumava embarcar quando ia dar os seus passeios até ao Alfeite.

# Luciano Cordeiro, Fundador da «Carris»

por J. M. CORDEIRO DE SOUSA

Completo-se no dia 21 do passado mês de Julho um século que na vila trasmontana de Mirandela nasceu o notável polígrafo e vigoroso defensor dos nossos direitos aos imensos territórios do Império, conselheiro Luciano Cordeiro.

Embora conhecida a sua extraordinária e patriótica actividade no jornalismo, na literatura, na política, nas belas-artes, na diplomacia, na beneficência, na colonização, nos estudos históricos, actividade não poucas vezes repercutida na vida da capital, que lhe ficou devendo, entre outras, as comemorações centenárias do marquês de Pombal, as de Luiz de Camões, as apoteóticas recepções de Capelo, Ivens, Serpa Pinto, e a brilhantíssima celebração do centenário da Índia, que trouxe ao Tejo as armadas de quasi tôdas as nações do mundo, etc.; talvez ninguém hoje saiba que a cidade lhe deve também um melhoramento que a colocou a par das grandes capitais.

Luciano Cordeiro fundou, com seu irmão Francisco Maria Cordeiro de Sousa, então chanceler do consulado dos Estados Unidos da América no Rio de Janeiro, a Companhia dos carros americanos, como durante muito tempo foi conhecida, notabilíssimo progresso para a época, nesta sorumbática Lisboa do terceiro quartel do século passado.

Por alvará régio de 28 de Março de 1870, obtém Luciano Cordeiro, e seu irmão, um privilégio «como inventores de um sistema de viação e locomoção que denominam «Viação-Carril vicinal e urbana», «pagando logo 75.000 réis das taxas correspondentes a quinze anos, e mais 15.000 réis de imposto de viação calculado sobre a importância das referidas taxas, e comprometendo-se a pôr em circulação, em certas ruas e praças de Lisboa, «carros cómodos e seguros para carga e passageiros, movidos por fôrça animal, rodando sobre carris de ferro colocados ao nível do solo, parando instantâneamente por um maquinismo

especial de enfreamento e de rodas, sem necessidade de voltarem sobre os carris pelas condições peculiares de construção e tracção», sistema que «aos espíritos mais rotineiros e meticulosos oferece tóda a segurança, e numerosas vantagens, entre outras a de mais rápida, certa, segura, e barata comunicação» entre os pontos mais afastados da cidade.

A Câmara Municipal, ouvido o parecer de uma comissão composta por José Mendes da Assunção, José Carlos Nunes, e Anselmo Ferreira Pinto Basto, reconhece e aprova tão útil iniciativa em sessão de 13 de Outubro dêsse ano, estabelecendo, porém, certas e naturais condições. Entre elas uma tida nessa época como indispensável, faz-nos hoje sorrir:

«A Emprêsa terá o número necessário de cantoneiros e guardas para limpeza e conservação dos carris, e para que, colocados em pontos de grandes cruzamentos, *avizem os condutores de vehiculos, e os transeuntes, da aproximação dos carros*», etc.

O sublinhado é meu. Estamos a ver o sobressalto dos plácidos lisboetas de então, ante a velocidade vertiginosa das pobres mulas lazarentas!

Outra condição seria o auxílio que se convencionasse por contrato especial para a conclusão das obras do atêrro da Boa Vista até Alcântara.

Por decreto de 23 de Fevereiro do ano seguinte, os concessionários obtêm nova licença para estabelecer carreiras de Alcântara a Belém e Cascais, podendo prolongá-las até Sintra, e de Lisboa ao Lumiar, chegando a pedir em Maio a isenção de direitos para a importação de material fixo e circulante. E em requerimento de 30 de Agosto de 1872 solicitam ainda autorização para construírem «uma linha de caminho de ferro de sistema americano, ou «horse railway», na estrada do Pinhal Novo a Aldeia-Galega.

Mas Luciano Cordeiro, professor de literatura e de filosofia, escritor e jornalista, e seu irmão Francisco, diplomata e amator de arte, cuja casa no Rio era, no dizer de um contemporâneo, um verdadeiro museu; não eram, evidentemente, as pessoas mais indicadas para não deixarem naufragar uma grande emprêsa dêsse género. E então, por

escritura de 6 de Julho de 1871, lavrada no Rio de Janeiro, no cartório do tabelião Pedro José de Castro, transferem tôdas as autorizações, licenças, concessões e contratos, para um grupo de capitalistas brasileiros, ou estabelecidos no Brasil, formado por João José dos Reis & C.<sup>a</sup>, comendador Manuel Salgado Zenha, Elkin Hime, e John Merven Carrière, que deveriam levar por diante a empresa e estabelecer definitivamente êsse tão útil melhoramento citadino.

O «Diário Oficial do Império do Brasil», de sábado 21 de Setembro de 1872, publicou o decreto n.º 5.087, que concede à «Companhia Carris de Ferro de Lisboa», autorização para funcionar com sede no Rio de Janeiro, embora tendo «permanentemente na cidade de Lisboa um ou mais indivíduos encarregados da gerência em Portugal». O capital seria de 4.000.000\$ em moeda brasileira, divididos em 20.000 acções. Com as 10.000 da 1.<sup>a</sup> série iniciaria a empresa as suas operações.

E assim começou há bons três quartos de século a «Companhia Carris de Ferro de Lisboa».

# À Igreja de Santa Engrácia Panteão Nacional

Conferência feita na sede do  
Grupo, em 20 de Abril último,

pelo Arq. ANTÓNIO DO COUTO

Quem do arco do Mosteiro de S. Vicente atravessasse pelo sul o mercado do Campo de Santa Clara e desça a pequena rampa que vai dar ao actual edificio do Depósito Central de Fardamentos, fica surpreendido, se por acaso olhar à sua direita, ao avistar uma construção de proporções grandiosas e de forma arredondada, que lhe faz lembrar alguns dos monumentais edificios romanos.

Essa estranha construção, que o fez parar por momentos, é a igreja de Santa Engrácia, elevada por decreto (1) a Monumento Nacional e já destinada, por lei (2) do país, a PANTEÃO NACIONAL.

Igreja construída pelos fins do século XVII (3), num dos períodos mais brilhantes do estilo barroco, é, segundo julgo, a que melhor representa no país, pela forma ondulada das suas fachadas (4), o mais característico modelo desse estilo e a que melhor se presta, pela traça monumental da planta, a ter as honras de figurar como PANTEÃO NACIONAL.

Com certeza que ao architecto desta obra não seriam estranhos os velhos monumentos de Roma e que pela architectura monumental dessa cidade se teria apaixonado, como se pode ajuizar pelo plano da grande rotunda interior e dos motivos que a compõem, que nos fazem lembrar entre outros o célebre PANTEÃO DE AGRIPPA e os grandiosos edificios das TERMAS.

Mas quem seria o autor deste notável projecto?

O nome que anda ligado a esta obra é o de JOÃO ANTUNES, que foi nomeado a 18 de Julho de 1669, pelo rei D. Pedro II, para o lugar de architecto da Casa Real, o qual se encontrava vago pela morte de Francisco da Silva Tinouco (5).

(1) D. D. de 10/1/1907 e de 16/6/1910.

(2) Lei n.º 520 publicada no «D. G.» de 29 de Abril de 1916.

(3) Foi lançada a pedra fundamental em 1682, por D. Pedro II.

(4) Fachadas onduladas de monumentos de Itália: Santa Maria da Paz, em Roma, de Pietro Berrettini de Cortona; igrejas de Santa Inez e de S. Carlos das 4 fontes, em Roma, de Francisco Borromini; Palácio Carignani, em Turim, de Guarino Guarini.

(5) Comunicação do Visconde de Juromenha a Rackzynski — Dictionnaire Historico-Artistique du Portugal. Ano de 1847, pág. 14.

O falecido e eminente arqueólogo Sousa Viterbo sempre tão cauteloso n.º que escreve, referindo-se a este architecto (6), não o dá como autor deste monumento a-pesar de a êle se referir nos seguintes têrmos: «Além de architecto real foi também architecto das ordens militares, tendo succedido a Mateus do Couto. A carta que o nomeou tem a data de 10 de Novembro de 1697. Aí se lê a particularidade de que era architecto nas obras de Santa Engrácia. Se não foi êle que deu o risco para esta monumental igreja, foi por certo um dos primeiros a dirigir a sua construção».

Também no *Mapa de Portugal* o padre João Bautista de Castro não diz o nome do architecto da igreja a-pesar de citar a palavra «architecto» no seguinte período: (7) «que a igreja ainda se não terminou de todo, porque chegando à cimalha real, houve entre os architectos receio de que sobrepondo-lhe as abóbadas, padecessem as paredes outro lastimoso fracasso; e assim está há anos em profundo esquecimento, aguardando maior oportunidade de tempo à sua final perfeição».

E para mostrar a sua robustez diz a seguir: «Nem este edificio nem a igreja paroquial, padeceram com o terramoto ruína alguma».

Nenhum destes autores, e daqueles que consultei, que se referem a este monumento, dizem quem foi o seu architecto, e não é porque o majestoso templo não merecesse essa indicativa referência.

Chega a parecer impossível que, numa obra quasi dos nossos dias, se desconheça o nome do architecto que a concebeu, quando se conhecem os nomes da maioria dos mestres construtores das grandes catedrais do período gótico e mesmo de épocas anteriores como os dos monumentos de Roma e da Grécia.

Nem Rackzynski falando de João Antunes o indica como o autor desse projecto nem ainda mesmo nas «Memórias» de Wolkmar Machado o seu nome vem citado.

Nada nos leva pois a julgar ter sido João Antunes o autor dessa igreja, nem pelo seu passado artistico, nem pelas obras que executou, nem ainda pelo que se encontra escrito deste monumento, a-pesar do padre Manuel Monteiro lhe conferir o epíteto de insigne (8). Foi, como se affirmou, um architecto com sorte, pois succedeu nos mais rendosos lugares desse tempo.

Já disse que Sousa Viterbo o aponta como architecto que dirigiu a construção desta obra, mas isso não o acredita que êle fôsse o seu autor, podendo ter sido, sem estranheza, outro colega. Isso fêz-se muita vez e ainda nos nossos dias se faz. Feliciano de Sousa Corrêa, pai de Valentim José Corrêa que projectou as janelas manuelinas do andar nobre do museu dos Jerónimos, foi quem

(6) Aditamentos ao Vol. 1.º do seu Diccionario do Architectos e Engeheiros, pág. 511.

(7) *Mapa de Portugal*. Tomo III. Pág. 271.

(8) *História da Fundação do Real Convento do Lourçal*.

dirigiu a construção do Teatro Nacional de Almeida Garrett<sup>(9)</sup>, quando todos nós sabemos ter sido o italiano Fortunato Lodi o autor do projecto.

Isto não é raro dar-se, principalmente quando o architecto do edificio fôr de nacionalidade estrangeira, ou tiver falecido antes de terminada a obra.

Não me parece pois que o monumento que com tal grandeza está levantado em Santa Clara seja concebido por João Antunes, julgando-o mais filho de mestre italiano ou de artista que por lá tivesse aprendido as boas regras de architectura e copiado com entusiasmo as linhas dos bons modelos.

Se Eugénio dos Santos ou Manuel da Maia, já fôssem nascidos nessa época, poderiam certamente ser julgados como autores desse projecto, porque o talento que o primeiro mostrou como architecto do Terreiro do Paço e Arsenal de Marinha e o arrôjo do segundo como realizador do Aqueduto das Águas Livres e Mãe d'Água das Amoreiras, davam-lhes autoridade para assinar esse monumental projecto.

Vejo na «Colecção de Memórias» de Cyrillo a pág. 129 — que o artista italiano Carlo Fontana, discípulo de Bernini, teve mesmo em Itália o título de architecto de D. Pedro II, que o creou cavaleiro de Cristo.

Porquê? Estará aqui o architecto de Santa Engrácia?



De todos os escritores que se têm referido a esta igreja foi certamente Ramalho Ortigão, com a visão dum consumado esteta, o que melhor reparou ou sentiu o grande valor artístico desta obra, chamando-lhe «o mais belo dos nossos monumentos do século XVII»<sup>(10)</sup>.

Chega a parecer impossível, que este edificio de tão esplêndidas formas, de tamanha riqueza de material e tão favoravelmente situado (encontra-se isolado e com vista desafogada dos seus terraços sobre o rio) nunca tentasse ninguém a fazer-lhe a sua conclusão, que a realizar-se, seria na opinião tão autorizada de Ramalho «um dos mais imponentes edificios da Europa»<sup>(11)</sup>. Realmente parece que sobre êle recaiu qualquer maldição, pois que até aos nossos dias, só tem servido de oficinas e de depósito a variados materiais, como citam alguns autores<sup>(12)</sup>.

O mesmo illustre escritor pugnava para que este edificio se destinasse a panteão nacional<sup>(13)</sup> devido ao carácter monumental e severidade de linhas que lhe encontrava a este fim. E seria talvez motivado pelos seus autorizados

(9) Portugal Dicionário.

(10) Arte Portuguesa. Edição de 1943. Pág. 95.

(11) Arte Portuguesa. Edição de 1943; pág. 96.

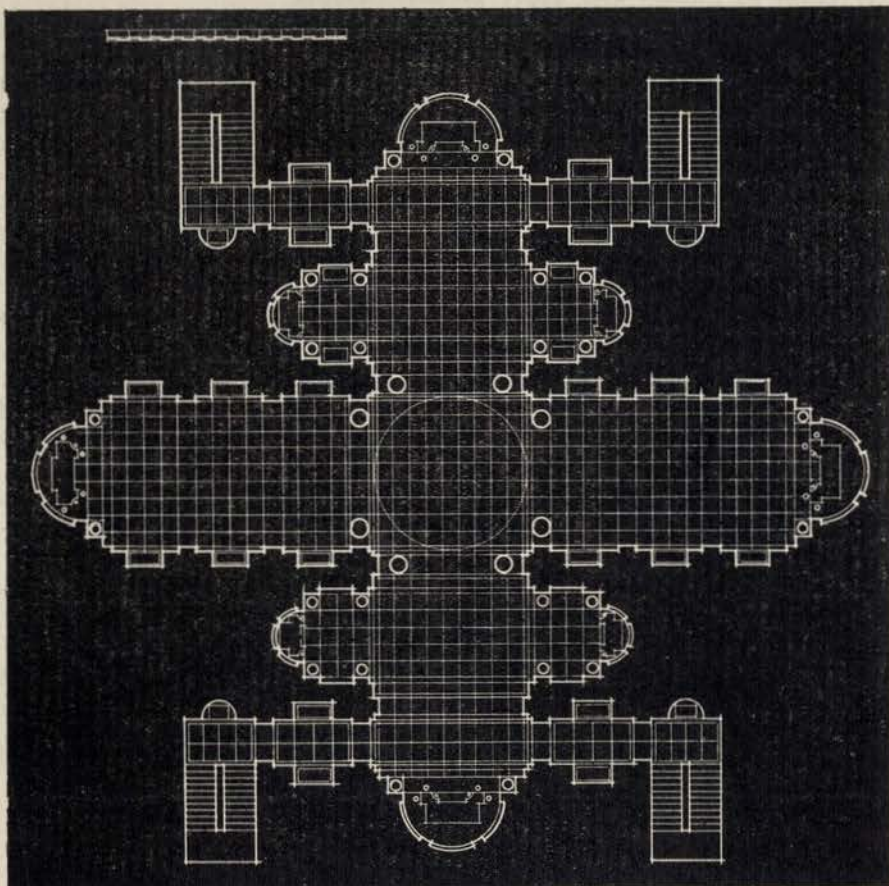
(12) Pinho Leal no Portugal Antigo e Moderno. Vol. IV, pág. 213. Sumário de Vária História. Vol. I, pág. 78.

(13) Arte Portuguesa. Edição de 1943, pág. 96.



artigos de crítica, que tivesse sido promulgada a citada Lei n.º 520, que destinava este monumento a PANTEÃO NACIONAL.

Mas o ilustre escritor poderia ainda acrescentar a favor da sua tese, que o risco dessa planta, com rotunda central e com a série de capelas existentes nos seus nichos, parecia ter já sido projectada com o sentido de servir a panteão.



PLANTA DA CRIPTA DA IGREJA DE SANTA ENGRÁCIA  
*Projecto dos architectos Ruy do Couto e António do Couto*

Pois não são concebidos com essa forma circular os monumentais mausoléus da antiguidade — o de «Augusto» e o de «Adriano» — hoje castelo de Santo Ângelo, em Roma?

Como debaixo dessa nobre architectura clássica ficariam bem colocados, em austeros moimentos de mármore, os mais notáveis homens da nossa história!

E não se alegue que o espaço é pequeno para conter todos os nossos consagrados. Uma larga cripta, fácil de construir e não muito dispendiosa, como mostra o esboceto junto, não só satisfaria perfeitamente as exigências precisas como traria ao edificio uma maior monumentalidade.

Mas temos também já a aprovação da comissão nomeada por portarias de 8 e 26 de Dezembro de 1934 <sup>(14)</sup> para estudar as bases do concurso do projecto da adaptação de Santa Engrácia a Panteão Nacional, que no seu parecer de 27 de Outubro de 1936 diz: «Que pode Santa Engrácia ser realmente adaptada a P. N., desde que seja dotada com uma cripta e se realizem nas vizinhanças obras de urbanização que assegurem um acesso amplo». Que falta pois fazer, quando todos dizem que a obra é realizável e que é um atentado de lesa-arte estar há tantos anos, êste belo monumento servindo de armazém de sucatas? Vamos, um pouco mais de persistência de todos nós e teremos realizado o nosso Panteão Nacional.

Todos os escritores que se têm occupado dos edificios monumentais de Lisboa, falam desta igreja com palavras mais ou menos elogiosas. Mas julgo, pelas descrições que dela fazem, à parte Ramalho Ortigão, não terem sentido bem tôda a beleza da sua planta, a austeridade das suas fachadas e a sumptuosidade do seu interior. Prendeu-lhes mais a atenção as narrativas, um tanto ou quanto fantasiosas dessa edificação e do seu não acabamento.

Isto não admira que suceda, porque é preciso vir alguém de autêntico valor, para nos mostrar o encanto duma obra de arte a que, até aí, ninguém ligava importância.

Segundo conta Felicien Challaye <sup>(15)</sup>, a J. J. Rousseau escapou o encanto da cidade de Veneza vivendo aí 18 meses, porque nas suas «Confissões» não mostra nenhum entusiasmo, e a Chateaubriand sucedeu o mesmo quando da sua primeira estada nessa cidade, em 1806. Foi Byron, diz Challaye, quem verdadeiramente descobriu a beleza de Veneza e a fêz aceitar por todos. Assim, acrescenta: «Logo que Chateaubriand aí voltou em 1833, êle já admira Veneza e con-

---

<sup>(14)</sup> Desta comissão faziam parte: Dr. João Pereira da Silva Dias — Director do Ensino Superior e das Belas Artes, representante do Ministério da Instrução Pública, como presidente; Dr. Júlio Dantas — Presidente da Academia de Ciências de Lisboa e Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais; Dr. José de Figueiredo — Presidente da Academia de Belas Artes; Gustavo de Matos Sequeira — Arqueólogo; Luiz Pastor de Macedo — Vereador da Câmara Municipal de Lisboa; Luiz Ribeiro Carvalhosa Crising da Silva — Architecto e Professor da Escola de Belas Artes de Lisboa; Júlio César de Almeida e Sousa — Primeiro official, Chefe da Secção do Ensino Artístico da Direcção Geral do Ensino Superior e de Belas Artes, servindo de secretário, sem voto.

<sup>(15)</sup> L'Art et la Beauté, pág. 13.

sagra-lhe nas «Memórias do Outro Mundo», algumas palavras entusiastas à cidade, que mais tarde Gabriel d'Annunzio e Maurice Barrés glorificam.



Mas se não há a certeza de quem seja o architecto desta obra conhecem-se felizmente os motivos que deram origem à edificação desta sumptuosa igreja; e já que estamos tratando de tudo que à mesma se refere não ficará mal que aqui exponha também, ainda que resumidamente descripto, êsse facto.

Na noite de 15 de Janeiro de 1630, conforme o afirma o padre Carvalho da Costa (16), houve em Lisboa um grande temporal que arrombou com as portas da antiga e modesta igreja paroquial de Santa Engrácia, fundada pela infanta D. Maria.

Ao outro dia viu-se que tinham roubado as hóstias do Sacrário. E como era preciso encontrar um culpado, vá de acusar o hebreu Simão Pires Solis, que pessoas disseram ter visto passar por êsse sítio, ainda de noite, montado num cavallo com as ferraduras envolvidas em panos.

O pai do acusado, que à data do atentado já tinha falecido, chamava-se Duarte Pires Solis e era pessoa de largos haveres, de que seu filho se aproveitava para levar vida folgada e pouco recomendável de libertino, jogador e arruaceiro.

Ou devido a isso, ou porque o juiz do processo, o corregedor do crime da côrte, Gabriel Pereira de Castro, como se dizia, se sentisse despeitado por Solis o levar de vencida nos amores com uma freira do convento de Santa Clara (17), ou ainda porque o acusado nunca quisesse confessar de onde vinha no dia do atentado, o tribunal condenou-o a ser queimado vivo, cortando-se-lhe primeiramente as mãos (18).

Para provar a constância de Solis, em não querer divulgar o segredo da sua afeição conta-se que estando prêso, recebeu um presente de dois melões, um inteiro e outro calado, com a recomendação de que o calado era o melhor. Se foi aviso da freira, Solis com o seu obstinado silêncio, que sabia ser a sua bárbara condenação, redimiu bem as suas inúmeras turbulências.

Tempos depois, na cidade de Orence, em Espanha, por qualquer crime, um

(16) Corografia Portuguesa. Vol. III, pág. n.º 256.

(17) «Era público e notório que Solis requestava uma freira do Convento de Santa Clara, que lhe ia falar a deshoras, costumando entrapar os cascos do cavallo, para não ser pressentido». Do «Sumário de Vária História». Vol. I, pág. 76. «Há uma tradição pela qual se afirma que Gabriel Pereira de Castro era rival de Solis, requestando ambos a mesma freira, sendo êste o preferido». Na mesma página do mesmo volume.

(18) A sentença de Solis foi lavrada a 31 de Janeiro de 1631 e foi executada a 3 de Fevereiro do mesmo ano de 1631.

antigo criado dos frades de Santo Elói, foi condenado à morte, mas antes de morrer confessou ter sido êle o autor do sacrilego atentado.

Todos tiveram muita pena que tivesse morrido um inocente, mas o pobre Solis é que não pôde ser ressuscitado.

Então tôda a nobreza de Lisboa, em desagravo do atentado de Santa Engrácia, propôs-se edificar uma nova igreja muito mais sumptuosa do que a primeira, igreja que nunca se terminou, porque diz a lenda que o desgraçado Solis, ao expirar na fogueira, tinha rogado a seguinte praga: «é tão verdade eu estar inocente como a nova igreja nunca mais se construir».

Quanto ao antigo templo foi, depois de todo demolido por dentro bem como a sua antiga tórre, cedido para o quartel do 2.º Batalhão da Guarda Nacional de Lisboa, visto que o seu culto, em resultado do desacato, ter sido transferido para a próxima igreja do Paraíso (19). Foi no que veio a acabar essa igreja que tinha sido instituída pela Infanta D. Maria (20), filha do rei D. Manuel e da rainha D. Leonor.

Vê-se no entanto, pela gravura publicada por Gonzaga Pereira (21) que já anteriormente esta igreja teria sofrido outros desacatos, êstes na sua architectura, pois que a êsse tempo já lhe tinham tirado todo o carácter manuelino. Dêsse estilo pode-se-lhe ainda perceber nessa gravura, quando muito, metade da silharia da frente, que o caiador não chegou a tapar e o vão da rosácea, mas esta já sem o seu tecido.

Não sendo a maldição de Solis, convincente prova porque a igreja não se chegou a concluir, que outra razão haveria?

Foi como tantas vezes se tem afirmado (22) do receio que o architecto teria da derrocada das paredes, quando lhe assentasse o zimbório?

Esta talvez fôsse a explicação de maior pêsso e mais aceitável, se não oferecesse sobejas garantias de segurança as dadas, pelo Mestre da Obra, projectando-a da forma sólida como a projectou, não só pelas espessuras que deu às suas paredes e às quatro ábsides, como ainda dotando-a com um corpo central em rotunda e flanqueando-a de quatro largas tórres, que são como quatro robustos contrafortes.

Então, sendo assim, poder-se-ia construir êsse zimbório, sem mais cuidados de segurança?

Não. O plano pode estar genialmente concebido como êste está, mas não basta.

Nos desmoronamentos dos edifícios, a principal causa dêsses efeitos, além

(19) «Monumentos Sacros de Lisboa», de Gonzaga Pereira, pág. 398.

(20) Segundo se lê a pág. 690 do Tomo II do «Agiológio Lusitano», esta igreja não foi só dedicada a Santa Engrácia «mas também a todos os santos, nossos naturais, de que estão povoados seus altares».

(21) «Monumentos Sacros de Lisboa», pág. 395.

(22) «Mapa de Portugal» de Bautista de Castro, pág. 271. Dicionário Portugal. Santa Engrácia.

dos accidentais como sejam terremotos, escorregamento de terrenos, raios, etc., etc., é o mau e deficiente material empregado, junto ao desconhecimento das regras de bem construir.

Assim, caíram as naves da bela catedral de Beauvais, naves que atingiam a enorme altura de 47,0; assim abateu, a 18 de Dezembro de 1878 a alta torre do corpo central do Museu dos Jerónimos, projecto de Rambois e Cinatti; assim apresentam aquêlo bôjo (desaprumo) os pilares da nave central da nossa Sé de Lisboa, que teriam também igualmente ruído, se não se lhes tivesse já feito uma forte e adequada consolidação. Todos êstes desastres resultaram mais da falta e da inferior qualidade dos materiais empregados na construção, que da má ou defeituosa concepção do projecto (23).

Quando da derrocada da torre dos Jerónimos, ouvi contar aos meus colegas da Casa Pia, para onde tinha entrado em 1883, horrores dessa catástrofe, e que nos desentulhos dos materiais não foram encontrados os *gatos* e *pernes* de bronze, que os architectos tinham requisitado para o bom travamento das cantarias (24).

E aqui, no restauro da Sé, foi necessário usar de todo o cuidado para se não dar qualquer desmoronamento nos pilares das naves, quando se fazia a substituição de alguns dos seus arruinados *tambores*, porque as alvenarias interiores dêsses pilares não tinham as necessárias consistências, pelo mau fabrico das argamassas.

Já vêem V.<sup>a</sup> Ex.<sup>ta</sup> que isto de ser architecto, quando se é ao mesmo tempo, como devia ser sempre, o director da obra, não é tão agradável como se julga, Muitas vezes tenho invejado os meus encarregados de trabalhos, que dormem as noites socegradamente, sem cuidados de maior.



Mas voltemos a Santa Engrácia de quem já nos afastámos muito.

Quais as precauções a tomar se o zimbório se construísse. Julgo que deveriam ser estas:

1.º Uma minuciosa e aturada vistoria ao edificio que acusa pronunciadas

---

(23) «O mestre da obra de Beauvais foi um homem de génio, que quiz chegar aos últimos limites do possível com respeito à construção da pedra; os seus cálculos estavam justos, as combinações profundamente sábias, a sua concepção admirável; êle foi mal secundado pelos operários, os materiais postos à sua disposição eram insufficientes». Viollet-le-Duc, Dictionnaire de Architecture. Vol. IV, pág. 175.

(24) No artigo publicado pelo «Diário de Notícias» no dia seguinte à catástrofe, diz-se: «Vergara ao seu próprio peso e à sua carência de solidez relativa, em que não era decerto a menor falta a ausência de gateamentos e o pouco balanço de revestimento da cantaria».

fendas na fachada sul, para se saber se a sua construção, principalmente os alicerces, teriam sofrido qualquer dano produzido por algum fenómeno geológico

2.º O maior rigor na escolha dos materiais a empregar.

3.º A maior perfeição e cautela nos trabalhos a executar.

Sem estas três principais precauções seria temeridade, para não dizer imprudência, assentar a grandiosa cúpula do cruzeiro, julgo que a maior do país projectada para uma igreja.

Pena é que ao architecto não lhe fôsse dado terminar as tórres e o zimbório da sua obra para Lisboa contar com mais um monumento de subido valor architectural.

E não se diga que foi pelo anátema lançado por Solis nem pelo receio que teria o architecto de lhe colocar o zimbório, que Santa Engrácia não se completou. Tanto uma como outra balela são histórias para contar mas não para acreditar.

O facto estaria mais talvez na falta de verba para essa conclusão, que deveria ser de quantia elevada, ou em derivação para outras obras, que ao tempo parecessem de maior urgência e utilidade.

Eu não quero dizer que seja brincadeira e das coisas mais fáceis da construção, o levantar uma cúpula, de qualquer material que seja, principalmente quando são grandes as suas dimensões. É obra de muito arrôjo e para causar muitas inquietações quando se tratar duma cúpula que se aproxime das dimensões das de S. Pedro de Roma ou do Panteão de Agrippa com os seus quarenta e tantos metros de diâmetro. Deve ser de esmagar o architecto a execução colossal dêsse trabalho.

A nossa cúpula da Estrêla com os modestos 11<sup>m</sup>,0 de diâmetro, quando a observamos da varanda do cruzeiro ou quando passamos no interior das duas cúpulas, surpreende-nos pela grandeza que apresenta, parecendo-nos de muito maiores dimensões.

Que assombro pois nos causará, qualquer daquelas grandiosas cúpulas!

E o curioso efeito de óptica que nos dão essas abóbadas quando vistas de andaimes, acima dos seus nascimentos!

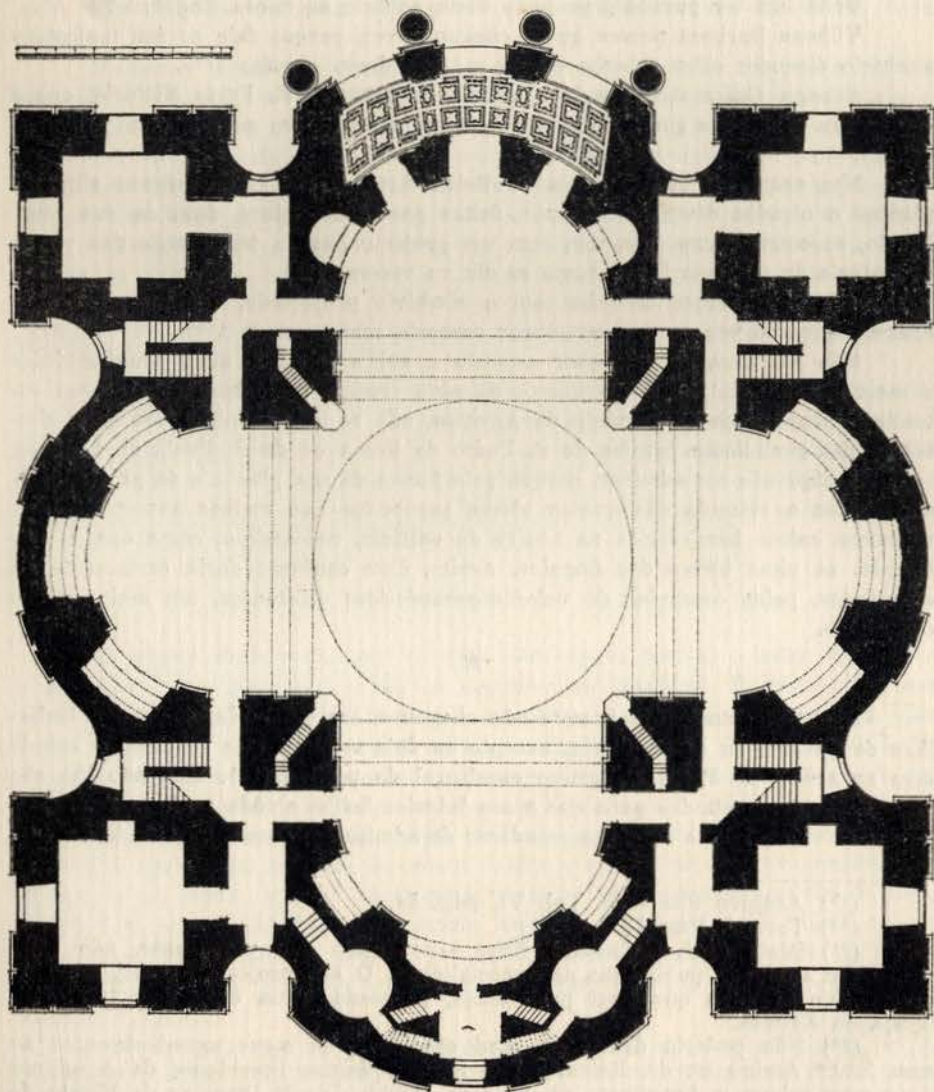
Afigura-se-nos que a curva semicircular ou ogival da abóbada se transforma numa superfície plana e que não há encontros que possam sustar o seu impulso, não tardando de vir tudo por ali abaixo — abóbada, andaimes e homens.

Já sentimos essa sensação e temo-la ainda bem presente, a-pesar dos anos que já passaram, nas abóbadas dos Jerónimos de Belém e da igreja de S. Francisco de Évora, quando da consolidação das suas nervuras.

O efeito aí, quasi raso à abóbada, é contrário ao que vemos cá por baixo.

Aqui, apesar de ficarmos impressionados pela grandeza dessas superfícies curvas, sentimo-nos ao mesmo tempo garantidos pela forma que essas figuras tomam, como que a afastarem-se de nós. Lá no alto, em cima dum andaime de vinte e tantos metros de altura e que bamboleia, passa-se o contrário. A forma

côncava dessas superfícies parece querer planificar-se, a tornar-se convexa e como temos as cantarias a tocar-nos a cabeça, é então que surge a sensação de



PLANTA DA IGREJA DE SANTA ENGRÁCIA

esmagamento, e só nos sentimos sossegados, quando voltando cá abaixo, verificamos que aquela enorme massa conserva o seu perfeito equilíbrio.



Onde iria ter parado o projecto dêste edificio de Santa Engrácia?

Vilhena Barbosa parece que o chegou a ver, porque fala no seu majestoso zimbório dizendo: «Era soberba e bela a traça dessa cúpula» (25).

Ribeiro Guimarães também afirma no *Sumário de Vária História*, que a cúpula era soberba e grandiosa (26). Nenhum dêles porém nos diz onde colheu a notícia.

Nos arquivos da Academia de Belas Artes, onde se encontram algumas plantas e alçados dêste monumento, feitos posteriormente à data da sua construção, encontrei entre êles, um, com um projecto para a terminação das tôrres da autoria de Caetano Elias, como se diz no reverso (27).

Não vi qualquer desenho com o zimbório projectado, e é pena que não apareça para se ver como o seu autor coroaria essa rotunda (28).

Não me causaria qualquer espanto e até o julgaria mais architectónico e mais monumental, se o architecto da obra tivesse projectado cobrir essa rotunda à maneira da do Panteão de Agrippa, não se indo inspirar nos altos zimbórios das grandiosas igrejas de S. Pedro de Roma ou de S. Paulo de Londres.

E digo não me admirar, porque pela forma da sua planta e da proximidade a que fica a rotunda das quatro tôrres parece-me que melhor assentaria essa volumosa calote hemisférica no centro do edificio, rodeando-a, como que a protegê-la, as altas tôrres dos ângulos. Assim, êsse conjunto daria certamente ao espectador, pelas condições de valores perspécticos diferentes, um maior efeito decorativo.



Não tem esta igreja porque não chegou a ser concluída, quaisquer trabalhos de pintura ou de escultura, excepto os dois meninos que seguram o escudo com as armas de Portugal, grupo escultural do pórtico (29). Mas não lhe são necessários êstes atavios para que o seu interior brilhe a tôda a altura dum rico e decorativo cenário e nos faça emudecer de admiração, com a gravidade e a im-

(25) Arquivo Pitoresco. Vol. VI, pág. 54.

(26) Tomo I. Pág. 78.

(27) Dêste senhor Caetano Elias — por mais que procurasse, não o vi citado em qualquer publicação da especialidade. O seu projecto é mau, como se observa na gravura que aqui publicamos, parecendo uma cópia das tôrres da igreja da Estrêla.

(28) Não poderia deixar de aqui consignar os meus agradecimentos ao meu Ex.<sup>mo</sup> Amigo sr. dr. Reinaldo dos Santos, illustre Presidente da Academia e ao meu colega o Architecto sr. Luiz da Cunha, Dig.<sup>mo</sup> Director da Escola de Belas Artes, e ao pessoal dêstes dois estabelecimentos pelas facilidades que me deram de examinar e copiar alguns dêsses desenhos.

(29) No Guia de Portugal diz-se que o «edificio é guarnecido de belas esculturas». Parece-nos ser êrro já afirmado no «Dicionário Portugal».



popênciã do bem traçado da sua architectura, aumentada pelo perimetro circular das paredes, onde se abrem quatro altos e profundos nichos que nos encantam pela sobriedade da sua nobre composiçãõ e suavidade do bem distribuído claro-escuro.

Fechemos agora por momentos os olhos e digam-me se depois de collocarmos sôbre tôda esta nobre composiçãõ architectônica, de tôda esta suavidade de luz, dêstes vigorosos perfis e desta boa distribuiçãõ de contornos e de massas, uma bem lançada calote almofadada em caixotões perspectivados para o óculo da cúpula e lageássemos o pavimento em largas pedras de côr mate, não nos julgaríamos transportados a Roma, visitando o grandioso panteão de Agrippa.

Pois poderíamos aqui em Lisboa gozar êsse belo espectáculo se um dia tivermos a felicidade de vermos êste edificio concluído, que daria não só honra ao país mas a quem o mandasse executar, dando ao mesmo tempo à cidade de Lisboa o seu monumento mais visitado e terminando-se assim com a cediça frase «OBRAS DE SANTA ENGRÁCIA».

Apresenta-se aos «Amigos de Lisboa» uma magnífica occasiãõ de valorizar a capital com mais um notável monumento, pugnando, como tantos outros já fizeram, para que esta obra não se faça esperar, que terá além do seu valor próprio, o interêsse de agrupar, numa trilogia de arte sacra da velha cidade, os três notáveis monumentos — Sé, S. Vicente e Santa Engrácia — que ficariam abrigados pela vetusta alcáçova de S. Jorge.



A planta dêste sumptuoso templo, com cúpula central e lados iguais formando uma cruz, pode ser filiada na architectura bizantina. S. Pedro de Roma, do projecto Bramante, talvez fôsse o seu modêlo, tanto as suas plantas se ajustam <sup>(30)</sup>. Está inscrita num quadrilátero medindo ap.  $43,5 \times 43,5$ . As fachadas são segmentos de círculo, ligadas às quatro tôrres, colocadas nos ângulos, por meio de curvas semicirculares, acentuada característica do estilo barroco.

Compõem estas fachadas duas ordens architectônicas, sendo a inferior concebida nas linhas severas da ordem dórica e a superior nas proporções mais elegantes de ordem jónica. As laterais, norte e sul, respectivamente de 24<sup>m</sup>,0 e 28<sup>m</sup>,0 de altura, devido ao acentuado desnível do terreno, são iguais na sua forma. As do nascente e poente <sup>(31)</sup>, só diferem por se abrir, na do poente o pórtico da igreja. É nesta fachada que aparece também um pormenor carac-

<sup>(30)</sup> No país não há outra igreja, que eu conheça, de igual planta, a não ser a que últimamente foi projectada para o templo-monumento de Santa Luzia, no Minho, pelo notável architecto Ventura Terra, já falecido, e cuja acabamento tem vindo a fazer-se sob a hábil direcção do meu amigo o architecto Miguel Nogueira.

<sup>(31)</sup> Esta fachada apresenta uma fenda vertical ao centro e bastantes ervas nas juntas das pedras, aparecendo mesmo uma árvore a uma das suas janelas.

terístico do barroco. A cimalha da ordem dórica, que corre nesse corpo, é perfilada sôbre cada uma das grossas colunas do pórtico, sugestão dada por Palládio, na Loggia del Bernardo, em Vicência. A ligação com o andar superior faz-se por meio de espessos volutões reversos, que agüentam os pilares desse corpo.



FACHADA PRINCIPAL DA IGREJA DE SANTA ENGRÁCIA  
(Corpo central)

Três arcos de volta perfeita, de correcto perfil clássico, dão entrada no vestíbulo. Por cima dos arcos aparecem três nichos, com o interior almofadado nas paredes e teto, à maneira dos de S. Vicente, mas sem estatuaria.

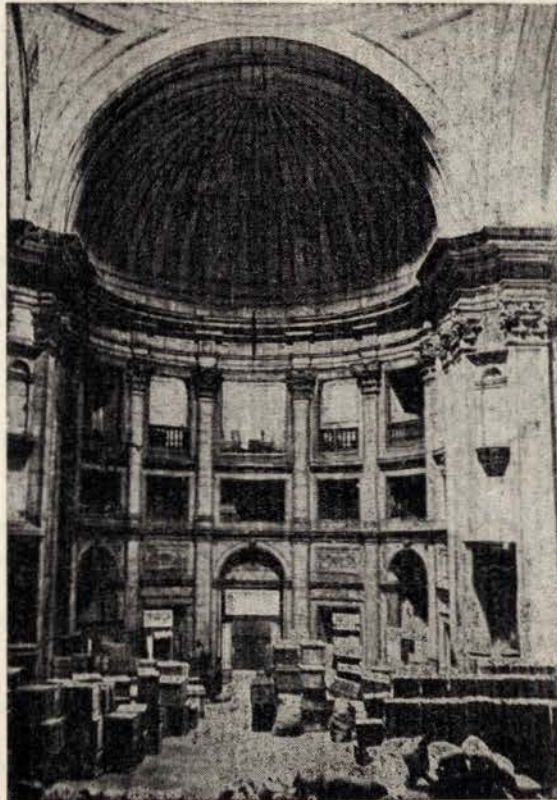
O vestíbulo, rico na sua composição architectónica curvilínea, tem como peça principal, a entrada central para a igreja. É concebida esta entrada, por um precioso portal inspirado na ordem compósita, formado por duas colunas salomónicas de que o estilo barroco tanto abusou. A meio do ornamentado frontão, um escudo com as armas de Portugal a que dois meninos se apoiam, remata este interessante trecho architectónico. O teto é dividido por 22 caixotões, compostos em ricas molduras curvilíneas, o que lhe dá uma grande riqueza. Mármore de variadas côres entram na composição das diferentes peças deste suntuoso vestíbulo.

O interior deste templo, pelas suas proporções grandiosas que nos parecem mais aumentadas pelas linhas curvas de toda a composição architectónica e pela suavidade do claro-escuro dos quatro grandes nichos abertos para a rotunda

central, dá ao visitante que o contempla uma forte impressão de surpresa, trazendo-lhe à memória os monumentos da antiga Roma.

A arquitectura de todo o interior está delineada na rica ordem compósita romana.

Quatro robustos pilares ligados por potentes arcos de volta inteira, suportarão a enorme carga do futuro zimbório. Cada um destes pilares é guarnecido



INTERIOR DA IGREJA DE SANTA ENGRÁCIA  
(Nicho da entrada principal)

por quatro fortes pilastras de 1<sup>m</sup>,20 de largo. Nos ângulos voltados para a rotunda destes pilares, projectam-se quatro púlpitos de forma poligonal, a que se chega por estreitas escadas abertas no interior dos mesmos pilares.

Os quatro nichos acima referidos projectam-se a tóda a altura da igreja. Os seus tetos são enconchados em quarto de esfera.

Os dois laterais, são compostos por três grandes capelas de forma rectangular curvilínea, fechadas por abóbada semicircular. Duas portas laterais servem estes nichos. Por cima destas portas e capelas abrem-se cinco tribunas sendo as três centrais de maiores dimensões. Pelo interior das paredes destes nichos passa um largo corredor que, pelas espaçosas escadas, dá serventia às tribunas. Os trâmos destes nichos são separados, a toda a altura, por pilastras de 1<sup>m</sup>,20 de largo, coroadas por uma forte cimalha de 0<sup>m</sup>,93 de balanço.

O nicho da entrada principal é dividido em dois andares sendo o superior composto na ordem compósita, o que julgo uma solução pouco feliz, tanto mais que se deu a mesma largura de 0<sup>m</sup>,73 às pilastras. Parece-me que o que levou o architecto a adoptar essa solução, foi a duplicação, aí, das tribunas. É neste nicho que se abrem os três largos vãos de porta que comunicam o pórtico com a igreja, projectando-se na superfície restante, duas capelas, de forma semicircular com tetó almofadado. Nas bases das pilastras, aos lados da entrada, vêem-se ainda os restos mutilados das pias baptismas.

O nicho do fundo da igreja, que representa a capela-mor, tem aos lados duas capelas da mesma forma das dos nichos laterais, mas de menores dimensões, para dar maior esplendor ao altar principal que se desenvolvia assim numa mais larga superfície. Por detrás projectam-se escadas que serviam aos armadores para adornar este altar, em actos festivos.

Não só o fundo das capelas dos nichos laterais como a parede do altar principal, encontram-se por terminar, estando essas paredes em tóscos para depois receberem as várias composições decorativas que formavam os ricos altares e retábulos da época.

Para estes retábulos, que não se chegaram a assentar nem talvez mesmo a executar, mandou o Principal Silva, em 1816, fazer uns desenhos ao architecto Honorato José Corrêa — *que foram muito bem apropriados à grandeza deste templo*, segundo nos conta Gonzaga Pereira <sup>(32)</sup>. Por esta mesma época, segundo nos diz o mesmo citado autor, foi colocada toda a cantaria que ao tempo já se encontrava lavrada.

Cyrillo dá o nome completo desse architecto — Honorato José Corrêa de Macedo e Sá e diz que por 1819 (mais três anos que Gonzaga) deu o pensamento em dois diferentes gostos, para o retábulo da capela-mor de Santa Engrácia, acrescentando que Honorato José, foi promovido ao lugar do seu mestre Francisco António Cangalhas. Este lugar era o de Architecto Geral da cidade e Águas Livres e que tinha de ordenado 300\$00 por ano <sup>(33)</sup>.

Rackzynski no seu dicionário <sup>(34)</sup>, também lhe dá o mesmo nome e que nasceu em Lisboa no ano de 1754 — dizendo que «durante o ano de 1819 fez o

<sup>(32)</sup> «Monumentos Sacros de Lisboa». Pág. 397.

<sup>(33)</sup> «Collecção de Memórias». Pág. 197.

<sup>(34)</sup> «Dictionnaire Historico-Artistique du Portugal». Pág. 55.

traçado de Santa Engrácia e no ano de 1821 o da Fonte da Cordoaria que se constrói actualmente».

Deve ser do mesmo tempo o projecto elaborado por Caetano Elias que, como já foi dito, se encontra no Arquivo da Academia de Belas Artes, para a conclusão das tórres da igreja, por sinal que bem feiosinho e que não está nada de harmonia com a architectura dêste monumento, mostrando que o seu autor se foi inspirar nas tórres da igreja da Estrêla, construída quâsi 100 anos depois da de Santa Engrácia, quando tinha ali ao pé as de S. Vicente, muito mais apropriadas.



*Projecto de Caetano Elias para a conclusão das tórres e corpo central da Igreja de Santa Engrácia*

A imponente rotunda, ponto central dêste monumento, mede de diâmetro 16,40 e tem de altura, do piso da igreja até à parte mais alta construída, aproximadamente 25<sup>m</sup>,50. Deve ser a rotunda de maior diâmetro existente no país <sup>(35)</sup>.

<sup>(35)</sup> A rotunda da igreja da Estrêla tem de diâmetro 10,90; Mafra 12,98; S. Vicente 15,30; Santa Luzia, em acabamento no Minho, mede só 10,0. — Estas medidas são aproximadas.

Ao terraço sobe-se por quatro bem lançadas escadas de cantaria, que, como já se disse, dão comunicação com as tribunas dos nichos. Estas escadas situadas aos lados das tórres, são formadas por lanços de 11 degraus cada e de 14 patins.

Presentemente só pela escada, junto à tórre norte-poente se pode ir ao terraço, visto as outras escadas se encontrarem entaipadas junto ao terraço. Uma guarda de ferro, de diferentes modelos e em estado precário de conservação, corre em volta do terraço.

Ao centro, a cúpula, foi fechada modernamente por uma armadura de ferro, em forma de calote, forrada por chapa de zinco ondulada.

No terraço, sôbre uma armação de ferro, estão assentes os dois sinos do relógio, sendo um destinado às horas e o outro aos quartos. O maior tem uma inscrição, dizendo que foi feito no Arsenal do Exército, no ano de 1853 e o outro mais pequeno, tem a invocação de S. Bento Mártir e que foi fundido nas oficinas de António Manuel Santareno no ano de 1829. E numa faixa em volta do bocal do sino, os seguintes dizeres: «Sua Majestade Imperial a Rainha a Senhora D. Carlota Joaquina de Bourbon mandou fazer».

Do terraço goza-se uma vista deslumbrante. Para o sul e nascente avista-se todo o estuário do Tejo e as povoações que o marginam, para os outros dois pontos, tôda a casaria e ruelas da velha LISBOA.



Tenho que deixar aqui consignado também os meus sinceros agradecimentos à Direcção das OFICINAS GERAIS DE FARDAMENTO E CALÇADO, senhores: Director, Coronel José Ribeiro da Costa Júnior; Ex-Sub-Director, Eduardo Guedes de Carvalho e Menezes; Major, Rebêlo Hespanha; Actual Sub-Director, Tenente-Coronel Santos Pereira e demais pessoal pelas facilidades que me deram nas visitas ao monumento.

# Um homem de convicções

por CARDOSO MARTHA

Há quem acoime o pobre José Daniel, atirando-lhe à memória o apodo afrontoso de «vira-casacas», à conta do desfaçado encómio de três regimes políticos, levado da necessidade de ter sempre um ôsso para roer.

Todavia, o caso não é esporádico. Numas breves notas manuscritas que me foram fornecidas por ocasião duma viagem recente ao Alentejo, há mais e melhor. Vejamos:

Diogo Jácome Furtado Leitão era a graça dum filho natural de certo juiz do crime do Bairro Alto, entrado neste vale-de-lágrimas num dos primeiros anos do governo do Sr. D. José. Qual, não saberei apontar, dado que as notas por que me guio o não declaram, dizendo apenas que era de «pouca idade quando foi do grande terremoto». Escapou dêle; mas, que não escapasse, não seria deplorável que semelhante prenda se perdesse. O pai mandou-o a Coimbra, onde versou Cânones com mão mais diurna que nocturna, pois as noites empregava-as, ao que parece, na rapioca, tanto quanto lho permitia a vigilância dos verdiais e dos quadrilheiros da nossa Atenas.

Inclino-me a crer que não chegasse a concluir o curso. O que sei, de ciência certa — sempre encostado aos magros apontamentos — é que tomou ordens de missa e pastoreou uma freguesia, cujo nome não vem mencionado, nos aros da capital.

Emulo e coevo de José Daniel, que talvez nunca tivesse visto mais gordo, lá foi o nosso «leitão» mamando as várias tetas que se lhe deparavam nas andanças e mudanças políticas em que foram férteis o último quartel do século XVIII e primeira trintena do XIX.

E como êle sabia sugar essas tetas governamentais!

Quando no Terreiro do Paço ergueram o monumento ao Reformador, o ainda então canonista, franganote dos seus vinte e poucos, desta guisa louvou o inédito sucedimento:

Que glórias altas jubilosa aclama  
A Nação Lusitana neste dia?  
— José, Monarca Augusto, então a Fama  
E o ilustre Marquês que o auxilia!

Morre D. José (1777). Surge a «Viradeira». D. Maria I afasta o «ilustre Marquês» da pública governação. O insulso vate, que, segundo informam os meus

apontamentos, «devia obséquios» a Pombal, depressa mordeu, como tantos outros, a mão que já não podia continuar a dispensar-lhos. Dedilha a lira e grasna:

Já do cruel Marquês Lísia não geme  
Sob a odiosa e dura tirania,  
Que da nau lusitana vai ao leme  
A benfazeja mão da grã Maria.

Três décadas são passadas. As coortes napoleónicas pizam solo português. Junot manda içar o pavilhão das águias no castelo de S. Jorge. E lá despendura o nosso homem outra vez a lira desafinada:

Deixando o reino com seu filho João,  
As brasílicas plagas vai Maria.  
Mas um sol protector — Napoleão —  
Traz a Lísia o penhor dum claro dia.

Onde se teria alapardado o poetastro jacobino durante a opressão inglesa? Em contacto com as idéias ventadas de França, teria, como muitos fizeram, jogado às ortigas a batina? Ou, inconstante nos credos políticos, seria, ao menos, firme nas suas crenças religiosas? Não sei dizê-lo. Mas, a igual dos persevejos, que saem das luras mal o calor aperta, ei-lo a postos para a cantata habitual logo que o sol da revolução vintista aqueceu as almas lusas, ansiosas de emancipar-se:

Do Pôrto liberal o grito voa  
E do Sexto João a Monarquia  
Restaura em Portugal; segue-o Lisboa,  
Liberta da britana tirania.

Devia o herói destas linhas estar setentão — e muito — quando D. Miguel deu o golpe de Estado de 28, convocou as côrtes à maneira antiga e se fêz aclamar rei absoluto. Pois ainda êste cisne... perdão, êste corvo moribundo crocitou, desta vez em redondilhas, sôbre os degraus do trono «legítimo»:

Já é nosso D. Miguel,  
O Pai da Lusa Nação;  
E nós, dedicados filhos,  
Vimos pedir-lhe a benção.

Eia, leais Portugueses!  
Por honra da lusa grei,  
Sôbre o pátrio altar juremos  
De morrer por nosso Rei!

Um lisboeta castiço comentaria hoje que... fôsse chamar pai a outro. Na-quele tempo, diversas eram, se bem que tanto ou mais enérgicas, as invectivas de uso corrente em lances desta natureza.

É crível que o nosso herói, muito chegado aos oitenta, tivesse dado o coirame ao diabo, durante o período miguelino. Não é natural, pôsto que possível, que ainda visse o advento do constitucionalismo em 34. Se tivesse deitado até lá, estou que ainda havia de espremer a mirrada mioleira, a ver se saía alguma daquela insonsa versalhada, que habitualmente pingava a cada novo sol que nascia.



# Relação das casas Foreiras, em 1539,

à Igreja de  
S. Cristóvão

por FERREIRA DE ANDRADE

(Continuação do número anterior)

*e de largo tres varas e são de dous sobrados e não tem repartimentos E paga por natal cinquenta rs e hũ galinha e he a segunda pessoa as quaes partem da parte do Leuante om cazas de Alvaro frz clerigo e da parte do norte emtestão com casas q̄ forão do ditto Esmoler E do poente com as mesmas cazas della dita Elena Marques E do Leuante com travessa q̄ vay da ditta rua das farinhas p.<sup>a</sup> a Costa E p.<sup>a</sup> nossa Siñora da Rosa (92).*

## Titulo da Freguesia de São Xpouão (93)

70.º — *A ditta Igreja tem outras cazas em q̄ pousa Bento Laboreiro junto da ditta igreja que partem da banda do sul com cazas do Hospital q̄ traz Rodrigo Aluso e do poente cõ quintal das mesmas cazas e do Leuante cõ rua pubrica*

---

(92) Cristóvão denomina esta artéria por *travessa para nossa Señora da Rosa* (Sumário, pág. 34). Outras sinonímias que conhecemos: (1592) *travessa da Rosa* (Livro de Visitação, fl. 5); (1615) *rua d.<sup>a</sup> q̄ vay p.<sup>a</sup> a Rosa e travessa q̄ vay p.<sup>a</sup> o mosteiro da Rosa* (L.º II de Óbitos, fl. 101, da Igreja de S. Cristóvão); (1646) *travessa q̄ vay p.<sup>a</sup> a Rosa* (L.º III de Óbitos, fl. 170, Idem); (1712) *travessa da Rosa* (Corografia, Carvalho da Costa, tomo III, pág. 392); (1804) *beco da Rosa* (Itinerário Lisboense); (desde 1859) *beco do Castelo* (Edital de 1 de Setembro de 1859).

O Mosteiro de Nossa Senhora da Rosa de Religiosas de S. Domingos, do qual hoje nenhuns vestígios restam, ficava situado onde vemos os prédios n.ºs 45 a 67 da Costa do Castelo (edifícios pertencentes ao ilustre poeta Dr. Afonso Lopes Vieira). Foi fundado em 1519 por Luiz de Brito de Nogueira e por sua segunda mulher D. Joana de Ataíde. Com o terremoto de 1755 ficou profundamente combalido; foi reparado em 1758. Abandonado, anos depois, pela pouca segurança que o edifício oferecia (devido certamente ao grande movimento de terras que se produzia em tôda a encosta do Castelo), o convento transformou-se em autênticas ruínas. No primeiro quartel do século passado, o chão onde êle se erguia começou a ser aforado; datam de então as edificações que lá existem hoje.

(93) Os dois *assentos* que se seguem escaparam, certamente, ao lançador

q̄ vay chão dalchamy para São christouão <sup>(94)</sup> e paga da censo cento e dez rs. para tres missas cantadas que se dizẽ na ditto Ig.<sup>a</sup> pellas almas de Thome Simoens e de sua molher as quaes cazas são de Antonio frõs etem de largo cinco varas e de comprido des varas.

71.º — A ditto Igreja tem hũ pardieiro no chão do Loureiro q̄ esta diante das casas onde mora a molher que foi de Mendafonço carpinteiro que he de comprido de norte ao sul pella banda do poente oyto varas e mea. E assi pella banda do Leuante outras tantas E he de largo do Leuante ao ponente pella banda do norte quatro varas e mea e de largo pella banda do sul outras tantas a saber quatro varas e mea E parte pella banda do sul com Aluaro do Tojal e da banda do Leuante com Francisco Borba quartonario (?) na See e da banda do norte com rua pubrica q̄ vay do chão do Loureiro para a Costa e da banda do ponente com beco q̄ esta entre ella e cazas de João Nunes alcaide o qual pardieiro ora traz o ditto Aluaro do Tojal juis da balança da caza da India E pagua por São Miguel vinte e sete rs. da censo.

### Titulo das terras E propriedades que tem a ditto Igreja de São Xpouão <sup>(95)</sup>

quando descreveu as propriedades que faziam parte do *titulo da freguesia de São Christouão* já publicado. De outra maneira se não comprehende a existência, neste ponto, destas duas propriedades.

<sup>(94)</sup> Rua do Regedor.

<sup>(95)</sup> Este *titulo* consta do aforamento das propriedades que ficavam extra-muros da cidade.

Lisboa, neste segundo quartel do século XVI, vivia ainda asfiziada dentro dos limites impostos por D. Fernando. A *cêrca nova* mandada construir por êste monarca em 1373-75 estabelecia uma cinta de muralhas que, embora já bastante distanciada da linha divisória anterior — a *cêrca moura* — circundava a cidade numa área considerada pouco extensa (101,63 Hm<sup>2</sup>) dada já a sua grande população. Na época a que se refere o Tombo da Igreja de S. Cristóvão que estamos anotando, existiam, dentro dos limites fixados pela *cêrca fernandina*, 24 freguesias, algumas das quais citadas neste trabalho.

«A muralha que fechava o circuito da zona ocidental anexada (por D. Fernando à área extra-muros) inseria-se na tórre de S. Lourenço que ainda lá vemos na Costa do Castelo, descia pela encosta, formando o fundo do palácio e jardins dos marqueses de Ponte de Lima, ou de Castelo Melhor, continuava através de quintas, e pelo sítio da fachada posterior dos prédios construídos no lado norte das actuais escadinhas da Saúde, até ao vale onde corre a rua da Mouraria. Atravessava êste vale, constituia a frente do palácio que foi dos marqueses de Alegrete, que deita sôbre o largo e a desaparecida travessa Silva e Albuquerque, cortava a rua da Palma, e subia pela encosta do monte de Sant'Ana, através do quarteirão de prédios situados entre a Calçada do Monturo do Colégio, hoje Calçada Nova do Colégio, e a rua de Martins Vaz. Atingia o seu ponto mais alto na linha da cumiada do monte, próximo do sítio do cruzamento desta última rua e do bêco de S. Luiz da Pena com a calçada de Sant'Ana, onde come-

çava um lanço descendente até ao vale das Portas de St.º Antão, passando através do quarteirão construído pelo mosteiro da Encarnação, em parte fundado sobre a muralha, e pelas trazeiras do palácio Alverca ou Pais do Amaral, onde actualmente é a sede da casa do Alentejo. Atravessava a muralha o fundo do vale de Valverde, seguia ao largo da travessa do Fôrno, e pelo sítio onde se construiu o palácio da Inquisição que assentava em parte sobre ela, aproveitando-a para a sua fachada sobre as hortas de Valverde, no sítio da Praça dos Restauradores. Começava aqui um novo lanço ascendente, pelo monte de S. Roque, aproximadamente segundo a linha da fachada, que deita para a *gare* da Estação do Rossio, seguia através do edifício da Escola Académica, que pertence hoje à Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, e do local ocupado com várias dependências da Misericórdia de Lisboa, indo terminar numa torre que se levantava perto do centro do actual largo Trindade Coelho, antigamente largo de S. Roque.

«Daí descia a muralha pela encosta do monte até ao rio, ao longo e através dos prédios do lado ocidental da rua da Misericórdia (rua larga de S. Roque) e do Alecrim, pela ilhargá das igrejas do Loreto e da Encarnação, que ficavam de fora, pelo local da esplanada da Cervejaria Francesa (a que hoje chamam Retiro da Severa) — estes terrenos pertencem hoje à Companhia Reünidas do Gás e Electricidade — «cujos muros de suporte são em parte a própria muralha da Cêrca, voltando em seguida para nascente até ao comêço inferior da travessa do Cotovelo.

«Daí, ao longo do que era então praia, e é hoje aquela travessa e a rua do Arsenal, seguia a muralha pela margem do Tejo, depois através dos edificios da ala norte do Terreiro do Paço, e da rua da Alfândega, até inserir-se na Cêrca Velha ou Moura, próximo da rua dos Arameiros.

«A muralha do circuito oriental da cêrca fernandina nascia do canto nordeste do Castelo, descia até ao sítio do demolido Arco de St.º André, no alto da calçada deste nome e contíguo ao palácio dos condes da Figueira, na calçada da Graça, cuja directriz acompanhava até ao largo da mesma denominação.

«Aí atravessava o planalto do monte da Graça desde a igreja do ex-convento até quasi ao tópo superior da actual rua da Verónica.

«Começava então um novo lanço descendente, até ao Rio Tejo, atravessando a cêrca do ex-convento de S. Vicente até à sua igreja, passando pelo local desta em direcção ao canto sueste do enorme edificio do convento.

«Seguia pelo meio do quarteirão de prédios onde se acha o edificio da Fundação de Canhões, até ao sítio onde convergem as ruas dos Remédios, do Paraíso e do Museu de Artilharia. Continuava daí em direcção ao Tejo, segundo um traçado que se desconhece, onde ficava o têrmo inferior do lanço.

«Dêle partia o último lanço da Cêrca nova, seguindo paralelamente ao rio, pelo interior das lojas das ruas do Jardim do Tabaco, do Terreiro do Trigo e do largo do Terreiro do Trigo, indo inserir-se na muralha da cêrca moura, próximo, mas da banda de fora, da porta de Alfama ou de S. Pedro».

Com este estudo do Mestre Vieira da Silva (*Revista Municipal*, n.º 5) que gostosamente transcrevemos pela perceptibilidade da sua exposição, fica o leitor inteirado dos locais por onde seguia a muralha fernandina que demarcava, quando da época a que tange este Tombo, as 24 freguesias de Lisboa.

Todos os lançamentos que do n.º 72 do tombo em diante se transcrevem, dizem respeito, pois, a propriedades existentes fora dos muros da cidade, umas em terrenos mais tarde incluídos no Concelho de Lisboa e outras pertencentes ao seu têrmo.

72.º — A ditta Igreja de São Xpouão tem hum casal em queluz <sup>(96)</sup> termo de Lx.ª q̄ tem as herdades e terras seguintes que forão medidas pella maneira seguinte por mim ditto notario com Afonço Gil Beneficiado da ditta Igreja presente e residente em ella. E as dittas propriedades e terras que o ditto casal tem são as seguintes.

73.º — O ditto casal tem hũa herdade grande do Rio que parte do Leuante com herdade do Mosteiro de Chelas <sup>(97)</sup> que tem oitocentos e quarento e seis varas. E da parte do sul onde se chama a Ilha E casal do Adayão da See de Lisboa e tem sesenta e seis varas e em roda vindo da mesma Ilha do ditto adayam da parte do ponente parte com herdade do casal de Sancta Vitoria e emtesta com hũa herdade de Santo Eloy <sup>(98)</sup> e tem seis centos e quarenta e cinco varas E vindo da herdade do ditto casal de Sancta Vitoria e emtesta em hũa herdade de Santo Eloy pella Ribeira assima até a herdade do mosteiro de chellas e tem setecentos E quarenta e seis varas.

74.º — O ditto casal tem outra herdade que tem do Rio donde se acabaram as outras medidas da terra a q̄ se chama a Milharada <sup>(99)</sup> ao Longo da parte do Leuante parte com terra do ditto casal de Santa Vitoria e tem trezentas varas da parte do norte e parte com terras de Manoel de Corte Real e com Sancto Eloy E tem quatrocentos E quarenta e oyto é do marquo q̄ esta apegado com

<sup>(96)</sup> Este casal foi autorizado a pertencer à Igreja de S. Cristóvão, por D. Afonso V, em 17 de Maio de 1469.

<sup>(97)</sup> Convento das religiosas de Santo Agostinho, da invocação dos mártires S. Félix e Santo Adrião. Foi um dos conventos mais antigos de Lisboa (1192?). Completamente destruído pelo terremoto, o mosteiro de Chelas está hoje transformado num estabelecimento fabril: Fábrica de Pólvora.

Cristóvão (Sumário, pág. 71) refere-se-lhe: *o mosteyro de chelas estaa mea legoa dos muros... são corenta E oito freiras de veo preto E doze nouicas, tem hum capellão quotidiano, etc.*

<sup>(98)</sup> A história pormenorizada do convento de Santo Eloi (Loios) está ainda por escrever, muito embora já existam publicados os preciosos estudos do Frade Francisco de Santa Maria (*O ceo aberto na Terra*) e do Sr. Henrique Loureiro (*O poliptico do Convento de Santa Eloi*) nos quais encontrou o Sr. Eng. Augusto Vieira da Silva manancial importante que lhe permitiu escrever o aditamento aos capítulos do Vol. XI da *Lisboa Antiga* onde o Visconde de Castilho tratou do sítio dos Loios e de S. Tiago. Para estes trabalhos enviamos o leitor que deseje conhecer a história do Convento dos Loios que se erguia onde hoje se vê o edificio da 5.ª companhia do 1.º Batalhão da Guarda Nacional Republicana.

Para complemento, lembramos-te, leitor, que foi neste mosteiro que se ajustaram os artigos do Tratado de Utrech.

<sup>(99)</sup> Carvalho da Costa na *Corografia* (tômo III, pág. 613) elucida-nos que a *freguesia de S. Miguel do Milharado fica a quatro legoas desta cidade (Lisboa) para o norte; he curado, que apresentão o Prior, E Beneficiados da Igreja de S. Nicolao de Lisboa a quem pertencem os dizimas.*

A Lei de 20 de Agosto de 1654 inscreve já Milharado nos *Julgados* do térmo de Lisboa.

terra da Eyra do ditto casal de Sancta Vitoria E assi corre ao longo do ditto cerrado E Rosio do ditto casal de Sancta Vitoria e até o Rio tem cento nouenta e huã vara a qual terra parte da parte do poente com o ditto Rosio de Sancta Vitoria.

75.º — A ditto Igreja tem em o ditto casal outra herdade q̄ esta apegada com as cazas do ditto casal e curraes medida ao longo do Rio que parte do poente com a herdade e eyra de Sancto Eloy e da parte do norte parte com caminho e Rosio do ditto casal de Sancta Vitoria E assy toda a roda foy medida e tem quinhentos e cincoenta varas. E tem hūas casas terreas dentro na propriedade da ditto Igreja o qual casal he do aprestimo e he da mesa dos beneficiados insolito E tralo Rodrigo aluso o carapato de alcunha e paga cinco moios de pão meado e hum moyo de trigo de sesenta e quatro alq.<sup>33</sup> e dous carneiros por paschoa de dous annos cada hum E hūa duzia de queijadas E hūa duzia de bolos e tudo pago na ditto Igreja primeira pessoa.

76.º — A ditto Igreja tem hū casal q̄ se chama o casal de borel e tem tres cazas demorada e hum palheiro. Item o ditto casal junto das cazas pegado com ellas hū ferregeal cercado da parte do Leuante que parte com casal de fr.<sup>co</sup> defaria e da banda do norte parte com casal de P.<sup>o</sup> aluso e da banda do poente parte cō hum cercado da çapataria e tem de comprido vinte e hūa vara da banda do ponente e de largo tem quinze varas da banda do norte e da banda do Leuante tem doze varas.

77.º — O ditto casal de borel tem hūa terra que parte da banda do norte com terra da çapataria <sup>(100)</sup> e tem cincoenta varas de largo da parte do norte e da outra banda do sul parte com hū casal do ventoso e da outra banda do mesmo sul tem cento e cincoenta e quatro varas e de comprido. E da parte do norte com o casal de f.<sup>co</sup> de faria e tem da ditto parte sessenta e huã varas da parte do norte em largo e da banda do sul parte cō hum casal do ditto Ventoso e tem cinquenta varas em largo e parte do mesmo sul com o ditto casal.

78 — O ditto casal tem outra terra grande q̄ está junto com as cazas do casal q̄ parte com o Rosio da banda do norte e tem de comprido a roda cento e cincoenta varas e da banda do sul en largo tem sesenta e huã varas e parte da banda do sul com terra de Çapataria e da banda do Levante parte com terras do mosteiro de São Vicente de Lx.<sup>a</sup> <sup>(101)</sup> e da banda do Levante tem noventa e tres varas em comprido e parte com terras do ditto mosteiro de São Vicente.

79 — O ditto casal tem outra terra alem desta que parte com terra do ditto

---

<sup>(100)</sup> Freguesia que fica entre S. Julião do Tojal e Milharado, próximo de Pero Negro. Vem incluída, como fazendo parte de um dos *Julgados* do termo de Lisboa e com o orago de N. S.<sup>a</sup> da Purificação, na lei de 20 de Agosto de 1654.

<sup>(101)</sup> Cristóvão informa que este mosteiro era nos meados do século XVI, dos *cónegos regrantes da Ordem de Santo Agostinho* e tinha trinta *frades*, cinco *capellães* q̄ administrá os sacramētos aos *fregueses*. (Sumário, pág. 58).



NOMES D'ALGUMAS RUAS, PRAÇAS, TRAVESSAS E BECOS QUE NÃO ESTÃO ESCRITOS NA PLANTA ORIGINAL, MAS POR SE TEREM CONSERVADO ATÉ HOJE OS MESMOS, AGORA AQUI VÃO ESCRITOS EM NUMERAÇÃO SEGUIDA NAS RESPECTIVAS FREQUELIAS

FREQUELIA ENCARNAÇÃO		FREQUELIA JUSTA		FREQUELIA S. ESTEVO		FREQUELIA S. VICENTE		FREQUELIA S. DOMINGOS		FREQUELIA S. DOMINGOS	
1 Rua de São João de Deus	21 F. de São João de Deus	22 Rua de São João de Deus	23 Rua de São João de Deus	24 Rua de São João de Deus	25 Rua de São João de Deus	26 Rua de São João de Deus	27 Rua de São João de Deus	28 Rua de São João de Deus	29 Rua de São João de Deus	30 Rua de São João de Deus	31 Rua de São João de Deus

Nesta planta pode o leitor facilmente ver o trajecto seguido pela muralha fernandina e a localização das freguesias intra-muros da cidade

mosteiro da banda do poente e tem cem varas de mesma parte em comprido e parte com terra da çapataria q̄ tem sesenta varas da banda do poente em comprido e parte cõ terra da ditta Çapataria.

80 — O ditto casal hum pumarinho com figueiras e ameixieiras e pereiras e outras arvores e tem a roda çincoenta varas e parte da banda do norte e poente com terra da çapataria e da banda do sul com pumar de Dona Joana molher q̄ foy de fr.<sup>o</sup> Leytão que deos aja e da banda do Leuante parte com hum pumar dos filhos de João Pires q̄ Deos aja.

81 — O ditto casal tem outro pumar com arvores pegado com hua terra do ditto casal que parte com outra terra da ditta Dona Joana da parte do sul e da parte digo e da banda do poente parte com outro pumarinho do ditto Mosteiro de São Vicente de fora q̄ tem sesenta varas.

82 — O ditto casal tem outra terra q̄ emtesta com o ditto pumarinho e que parte da banda do sul q̄ tem em comprido cento e trinta e nove varas e parte com terras da ditta Dona Joana da mesma banda do sul e da parte do norte em comprido tem cem varas e parte com terras de Pero annes de Carnachide e tem da largo çinquenta varas da banda do poente e parte da ditta banda do poente com terras da Çapataria.

83 — O ditto casal tem outra terra que parte com casal do Ventoso da parte do sul q̄ tem trinta e nove varas em largo e em comprido tem çento e vinte varas que parte com terra da Çapataria da banda do Leuante e da outra parte em comprido outras cento e vinte varas da banda do poente e parte com terra do P.<sup>o</sup> Alvares de Caranque <sup>(102)</sup> da mesma parte do poête.

84 — O ditto casal tem outra terra abaixo desta q̄ tem de comprido cento e çinquenta varas da banda do poente e parte desta parte com casal do Ventoso e da outra parte em comprido da banda do Leuante tem cento e çinquenta varas e parte com terra de São Vicente de fora da banda do Leuante e de largo da banda do norte parte com terras de francisco de faria e tem dezanove varas e mea em largo e tralo Andre de Abreu beneficiado da ditta Igreja e paga trinta alq.<sup>ras</sup> de trigo macho de receber e he a primeira pessoa e he obrigado a alg.<sup>a</sup> por dia de Nossa Sr.<sup>a</sup> de Agosto

---

(102) Refere-se à ribeira de Carenque que atravessa a vila de Belas e cujas águas abasteceram durante muitos anos a população de Lisboa.

**Titollo das terras do casal de Vila Pouca q̃ esta junto da quinta do Doctor Mestre Diogo q̃ tras francisquo gomes mer em a freguesia de berquerena <sup>(103)</sup> q̃ he da ditta Igreja**

85— O ditto casal tem na aldea de toricena <sup>(104)</sup> um cerrado q̃ esta na testeira do casal do carpinteiro que tem de comprido quarenta e sete varas e mea e da banda do poente atee a chave <sup>(105)</sup> e na chave da parte do norte vinte e quatro varas e da parte do poente da chave de Longo trezentos e trinta e oito varas que parte do Levante com terra de Dioguo Roiz... e da parte do norte com terras do casal q̃ traz jorge afonso de terena e da parte com terras do casal do ditto jorge afonso o qual cerrado atraz asento parte da parte do poente com o ditto jorge afonso e da parte do Levante parte cõ o ditto Diogo Rodrigues.

86— O ditto casal tem hum cerrado q̃ chamão o carpenteiro que parte do sul com Afonso bras de sam marcos e da parte do norte com João Goncalves estoriano (?) ferreyro e do Levante com o ditto Afonso Bras e tem pella parte do poente trinta e quatro varas e da parte do norte vinte varas e da parte do sul dezassete varas.

87— O ditto casal tem em tercena <sup>(106)</sup> outra terra q̃ chamão do carpinteiro que tem de ao longo da banda do norte cento e quatorze varas e do Levante tem em comprido quatro centos e vinte e quatro e da parte do sul quarenta e seis varas.

88— O ditto casal tem entercena hum pedaço de curral que tem de comprido dezassete varas de ambas as partes a saber da banda do poente e Levante e parte da banda do poente com fernão pires de Serpa e da banda do Levante com fernão dalvares e tem de largo dambas as partes seis varas a saber tres varas de cada parte E de hũa parte cõ o sul e parte com terra de Ruy de Abreu e da banda do norte com caminho publico.

89— O ditto casal tem hum pedaço de terra a fonte velha que tem em comprido, da parte do poente quarenta e nove varas e da parte do Levante tem cinquenta e tres varas e da parte do norte tem quatorze varas e mea a qual

<sup>(103)</sup> Pertence actualmente ao concelho de Oeiras (desde 1898).

Cõm a supressão, em 1895, do concelho de Oeiras, fez parte, mas por poucos anos, do concelho de Sintra; anteriormente esteve anexada ao concelho de Belas.

<sup>(104)</sup> Torcena. Lugar pertencente à freguesia de Barcarena.

<sup>(105)</sup> Recanto ou cotovelo formado por um terreno.

<sup>(106)</sup> Veja-se a nota n.º 104.



parte da parte do norte com terra de Ruy dabreu e da parte do sul com terra de P.<sup>o</sup> de Lx.<sup>a</sup> e de tres partes partem cõ o ditto Ruy dabreu E do sul tem vinte e hũa varas.

90 — O ditto casal tem outra terra hondé chamão as Mouratas <sup>(107)</sup> da banda do norte parte com terras de Manoel de Lamego tem de Largo sesenta seis varas e da parte do Levante que parte com terras de Rodrigo Annes e com outras do Hospital de berquerena <sup>(108)</sup> que tem em comprido çento e sesenta e seis varas e da parte do sul parte com regueira das mouratas pello meo dagoa e tem de largo cento e vinte e quatro varas e da banda do poente parte com terras de francisco d'andrade e tem de comprido duzentas e oitenta e seis varas.

911 — O ditto casal tem outras terras sobre as ferrarias <sup>(109)</sup> ao norte parte com terras de Rodrigo de Saõ Marcos e com outras de Manoel de Lamego e tem de comprido duzentas e cinquenta e tres varas & da parte do sul parte com terras de francisco d'andrade e tem duzentas e nove varas e mea em comprido e da parte do poente parte com Levada do ditto francisco d'andrade e tem de largo doze varas e ao Levante parte com terras do ditto Manoel de Lamego & tem nove varas e mea de largo.

92 — O ditto casal tem outro pedaço de terra pegado com a propria terra da mourata da parte do poente parte com terra do ditto Francisco d'andrade e tem trinta E oyto varas e mea em larga e ao sul parte com terras do Douctor fernaõ martins e tem de comprido cinquenta e sete varas e da banda do norte parte com a ditta regueira da mourata e tem em comprido cinquenta varas.

93 — O ditto casal tem outro pedaço de terra q̃ esta assima da ferraria que parte do norte com a azinhaga que vai da serra p.<sup>a</sup> a ferraria e tem de largo trinta e oito varas e do sul parte com terra de Martim Dias que tem de com-

---

<sup>(107)</sup> Na nota n.<sup>o</sup> 101 aludimos à versão que corre de que a fundação do lugar de S. Juliao do Tojal se deve a um mouro chamado Dante Florido. Haverá alguma correlação entre o nome desta terra que o *tombõ* designa por *Mouratas* (e mais adiante por *terra da mourata*) com a existência, antes da conquista cristã, naquele sítio, do domínio muçulmano?

<sup>(108)</sup> Pinto Leal no *Portugal Antigo e Moderno* (págs. 325 do I tómo) escreve: *há nesta freguezia (Barcarena) um pequeno hospital que recolhia pobres, e quando vinha algum enfermo o mandava conduzir ao hospital de Carnide, ou para Lisboa.*

Carvalho da Costa não nos fala, porém, na sua descrição sôbre a freguesia de Barcarena dêste estabelecimento.

<sup>(109)</sup> Na freguesia de Barcarena existe hoje uma Fábrica de Pólvoras Fxas e de Artefícios que pertence ao Ministério da Guerra. É a sucessora da fabrica de armas fundada neste local por D. Manuel e que era designada por Ferraria

*prido quarenta e cinco varas e do poente parte com casal da Nunciada tem de comprido cinquenta varas e do Levante parte com herança de Martim Dias e Diogo fernandes.*

94 — *O ditto casal tem outra terra q̄ esta ás falageiras q̄ p.<sup>a</sup> do norte com terra de Manoel de Lamego e tem de largo cincoenta varas e do Levante parte com Martim Dias e com Diogo fernandes e tem de comprido oytenta e seis varas e do poente parte com terra que traz Pere annes e tem de comprido oitenta e cinco varas e da do sul parte com terras de hũa irmã de francisquo figueira e tem de largo corenta e hũa varas.*

95 — *O ditto casal tem hũ pedaço de terra nas mesmas falageiras que parte do Levante com terra q̄ traz Pereannes tem de comprido oitenta e tres varas e do poente parte com terra de Lucas Diz tem de comprido oitenta e tres varas e do norte parte com Manoel de Lamego tem de largo vinteito varas e do sul parte com bento gonçalves e tem de largo trinta e oyto varas.*

96 — *O ditto casal tem outra terra q̄ esta as mesmas falageiras da parte do poente que parte com caminho q̄ vay para a serra tem de largo vinte e seis varas e do norte parte com terra de Lucas Diz e com terra do casal de francisco figueira e tem de comprido duzentas e noventa e nove varas e do Levante entesta no meo de hũ rio tem de largo sesenta varas e mea e do sul parte com casal de francisco figeira tem de comprido duzentas e sesenta e seis varas.*

97 — *O ditto casal tem outra terra a fonte de villa pouca que parte do Levante com caminho que vay p.<sup>a</sup> a serra, tem de largo noventa e nove varas e do sul cõ Jerónimo dalmada e com bastião gomes tem de comprido duzentas e seis varas E do norte parte com caminho que vay p.<sup>a</sup> o Fetal tem de comprido, duzentas e vinte e seis varas e do poente parte com o mesmo caminho tem de largo duas varas.*

---

rias de El-Rei. Perto existiu também a fábrica de pólvora e ainda (mais tarde) umas outras de igual laboração.

Vários incêndios foram a pouco e pouco destruindo-as; resistiu somente a do Estado. Esta, depois de ter sido arrendada (1725) a António Cremer, passou a ser administrada pela Junta dos Três Estados. Não sobreerrestou à grande explosão que houve em 1774. Martinho de Melo, então ministro da Marinha, mandou-a reedificar em 1777, escolhendo para dirigir as obras o célebre artilheiro tenente-general Bartolomeu da Costa, o engenheiro fundidor da estátua equestre.

Em 1805 (pertencia já ao Arsenal Real do Exército) uma nova explosão reduziu-a a escombros, sob os quais pereceram o director da fábrica Chalup, um mestre e mais trista operários. Nos trabalhos de desentulho deu-se outra explosão que matou mais nove operários.

Anos mais tarde (1762) uma outra explosão (arderam 1500 quilos de pólvora e ouviu-se a 15 quilómetros de distância) destruiu novamente o edificio.

98 — *Tem outra terra q̄ esta onde chamão o Fetal parte do norte com Antonio Annes e tem de comprido setenta e duas varas e do sul parte com terra do casal da Nunciada tem de comprido cincoenta e oytto varas e do Levante parte com herança do fetal tem de largo trinta e duas varas e do poente parte com An.º annes tem de largo cincoenta e seis varas.*

99 — *Tem outra terra q̄ esta onde chamão as falageiras do poente parte com azinhaga q̄ vay da serra p.ª o fetal que tem de largo quorenta e hũa varas e do sul parte com P.ª de Lisboa e tem de comprido setenta e seis varas e mea e ao Levante parte com casas q̄ traz Jerónimo Afonso da Serpa e tem de largo trinta e cinco varas e do norte parte com casal q̄ tras Pereannes tem de comprido setenta varas.*

100 — *O ditto casal tem outra terra q̄ esta mesmo nas falageiras parte do poente com azinhaga que vay da serra p.ª o fetal e tem de largo seis varas e do sul p.ª com P.ª de Lx.ª e tem de comprido cento e vinte nove varas & parte com casal que traz Pereannes e da parte do norte tem cento e vinte nove varas de comprido e do Levante parte com Manoel de Lamego tem de largo quatorze varas.*

101 — *O ditto casal tem hũ bacelo <sup>(110)</sup> q̄ esta em alcobaça com seu picuio parte do Levante com Levada e cõ bacelo de Baltazar gonçalves e tem cento e trinta e tres varas de comprido e do sul parte com cerrado do ditto Balthazar Gonçalves e tem de largo setenta varas e mea, e faz hũa chave que mete p.ª o poente e emtesta com terras de Pereannes ourives e cõ Isabel Diz e com Bastião Gomes, do poente tem de comprido cento e cincoenta varas do norte parte com foro de Santa Clara e tem de largo sesenta e seis varas e mea.*

102 — *Tem outra terra q̄ esta apar de Lecea <sup>(111)</sup> parte do Levante com vinha de Ant.º Annes e tem de largo sesenta varas e mea e do norte parte com terras de Dona Isabel que tem de comprido cento e trinta e nove varas do sul parte com terras de fernaõ Martins e cõ terra de Ant.º Annes e tem de comprido cento e dezanove varas e mea e do poente parte com terras do ditto Pereannes, ourives e tem de largo vinte sete varas e mea.*

103 — *Outra terra tem q̄ se chama a peça que parte do poente com Ant.º Annes tem de largo oitenta e outo varas e do norte parte com casal da Nunciada e com terra de Jerónimo Gonçalves tem de comprido duzentas e trinta e seis varas e do Levante parte com caminho q̄ vay pera Lecea a Santa Clara e tem cem varas de largo.*

<sup>(110)</sup> Nome atribuido, na idade média, à porção de terra que formava um pequeno feudo. (*Grand. Enc. Port. e Bras.*, Vol. III, págs. 992).

<sup>(111)</sup> Pequena povoação também da freguesia de Barcarena.

104 — *O ditto casal tem outro pedaço de terra q̄ esta aos falageiros que parte do norte com casal de Frc.<sup>o</sup> figr.<sup>a</sup> e tem de comprido duzentas e trinta e nove varas E do sul outras auzentas e trinta e nove varas e do Levante parte com terra de Santa Clara e são de largo nove varas e do poente parte com terras q̄ traz Pereannes ourivez e tem de largo des varas e mea.*

105 — *O ditto casal tem hum cerrado q̄ esta a par das casas do ditto casal que parte do norte com terra das freiras de Sancta Clara e tem de comprido noventa e sete varas e do poente parte com as mesmas terras do ditto mosteiro de Sancta Clara e tem de largo honze varas E do sul parte com Rosio da herança e tem de comprido sesenta e outo varas e do Levante em testa com as casas do ditto casal e são de largo cinquenta e quatro varas E neste cerrado vay hũ pedaço de terra de Bastião afonço q̄ levara hum alqueire e meo de semente pouca mais ou menos. E este casal com as dittas terras tras o ditto Francisco gonçalves E paga delle a ditto Igreja cinquenta e dous Alq.<sup>res</sup> de trigo e de cevada outros cinquenta e dous Alq.<sup>res</sup> E por Paschoa hum carneiro e hũa duzia de queijadas e he a pr.<sup>a</sup> pessoa o qual pão he obrigado o forneiro trazer a ditto Igreja por nossa Sr.<sup>a</sup> de Agosto.*

106 — *A ditto Igreja tem em Queluz hũa açenha e hũ pumar e hum pedaço de terra tudo pegado hũ com outro e parte do poente com cerrado de Phelippa Luis e tem seis varas de largo e do norte parte com pumar e terras de Sancto Eloy e tem quatrocentas sesenta e duas varas e do Levante parte com terras do ditto Mosteiro de Sancto Eloy e tem seis varas de largo e do sul com Rio do ditto mosteiro e tem quatro centas sesenta e duas varas e terça a qual acenha e pumar e pedaço de terra tras Beatriz figr.<sup>a</sup> E paga por natal duzentos e cinquenta rs. e he a terceira pessoa a qual acenha atras he da mesa dos beneficiados insolito.*

### **Titulo da fazenda e bens da Charnequa <sup>(112)</sup> q̄ traz Lucrecia Phelippe da Igreja de São Christouão**

107 — *Tem hũa vinha q̄ jaz honde se chama a Serra e tem de largo trinta e oyto varas em hũ cabo em o fundo tem de largo quatorze varas e hum pedaço de terra q̄ nã he feito em vinha e tem de largo vinte e seis varas de comprido em a vinha e esta serra tem cento e cinquenta e cinco varas e antre oliveiras e estacas tem dazaseis e parte da banda do norte com estrada publica e da banda do sul com Ruy Piriz ferrador e da banda do leste com fazenda e bens q̄ foy de*

---

<sup>(112)</sup> Freguesia de S. Bartolomeu da Charneca. Aparece pela primeira vez designada por freguesia em 1654 (lei de 20 de Agosto). A igreja paroquial data de 1685.

*Lianor paez molher que foy do Douctor Phelippe Afonso e ora he de seus herdeiros e da banda do este parte com p.º Diz escrivão dalcaidaria desta cidade.*

108 — *Tem hũa botafel <sup>(113)</sup> de V.ª que esta no ditto limite tem de comprimento sesenta varas e de largo sete varas e tem duas estacas de oliveiras e parte da banda do norte com os dittos herdeiros de Lianor paëz e da banda do sul com vinha de Marqueza Viçentê e da banda do Leste com Francisco annes pedreiro e da banda do este com os dittos herdeiros de Lianor paez.*

109 — *Tem outra herdade nomesso logo da serra ã tem de comprido cento e oyto varas e de largo da Estrada trinta e tres varas e no meo cinquenta e duas varas e huã chave ã jaz alem da herdade ã tem de comprido sesenta varas e de largo dezaseis e outra chave junto desta que tem de largo des varas e de comprido quinze varas e parte tudo da banda do norte com caminho publico e de banda do Sul com Francisquo Annes e da banda do Leste con fazenda da molher do P.º Botelho Anadel-mor <sup>(114)</sup> que foy dos bonbardeiros e da banda do este com a mesma fazenda da ditta molher de P.º Botelho E esto en todas chaves e tem entre estacas e oliveiras quarenta e nove plantas.*

110 — *tem outra courela de pão onde chamaõ a Granja <sup>(115)</sup> termo desta Cidade ã tem de largo cincoenta varas e de comprido oitenta varas e tem vinte e huã oliveira hum emxerto e huã estaca e huã figueira E parte da banda do norte com estrada que vem de Sacavem e da banda do sul com a molher do ditto P.º Botelho.*

111 — *tem outra courela de oliveiras ã esta onde se chama o couão <sup>(116)</sup> termo desta cidade que tem de largo no principio nove varas e mea e no meo da courela tem de largo dezanove varas E de comprido cento e sesenta e oyto varas e no outro cabo da courela tem de largo vinte e duas varas e tem vinte e oyto oliveiras e vinte oyto estacas nouas e tem quatro fig.<sup>ras</sup> e ameixieiras e p.<sup>te</sup> da banda do norte com Dom Martinho da Cunha e da banda do Este com o ditto Ruy paes e assi partem com outras confrontaçoes com ã de direito devem partir.*

(Continua no próximo número)

<sup>(113)</sup> Desconhecemos o vocábulo.

<sup>(114)</sup> Nome porque eram designados os chefes das companhias de besteiros.

<sup>(115)</sup> A freguesia de S. Sebastião da Granja de Alpriate, uma das mais antigas do termo de Lisboa, foi em 1826 anexada à de Via Longa. (*Colecção de Legislação de 1826*). Sessenta anos mais tarde, (decreto de 22 de Julho) Via Longa passou do concelho dos Olivais para o de Vila Franca de Xira.

<sup>(116)</sup> Não temos conhecimento da existência de qualquer freguesia ou lugar do termo de Lisboa com este nome. Somos de opinião que *covão* seria um lugar que ficaria próximo da *ribeira do covão*, a qual daria o nome ou dêle o teria recebido. A *ribeira do covão* nasce ao sul da Asseiceira Pequena, no concelho de Mafra, e desagua na margem esquerda do rio de Sacavém. Tem cêrca de 7 quilómetros de curso. (*Grande Enc.ª Portug. e Bras., Vol. III, pág. 966*).

# Obras oferecidas e adquiridas para a Biblioteca

Pelos seguintes se-  
nhores e entidades

ARMANDO GONÇALVES

- N.ºs 1006-A — *A Igreja e o Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa*, por Mário de Sampaio Ribeiro (1939).
- » 1032-A/B — *A Igreja e o Sítio de Santo Estevam de Alfama*, por Sidónio Miguel (1939).
  - » 2959-G — *Industria Portuguesa*, n.º 101 (1936).
  - » 3230 — *Memorias e Conferencias sobre a Historia e Arqueologia*, por Quirino da Fonseca (1935).
  - » 3231 — *Cousas de Portugal (Durante a guerra, depois da guerra)*, por Fernando Emygdio da Silva (1919).
  - » 3232 — *Catalogo da Exposição Cultural relativa ao Aqueduto das Aguas Livres e abastecimento de agua à Cidade de Lisboa* (1940).
  - » 3233 — *Lisboa do meu tempo e do passado — Do Rossio ao Poço do Borratém*, por João Paulo Freire (Mario) (1939).
  - » 3234 — *Madrid em Chamas*, por Z. Villalba (1936).
  - » 3235 — *Descrição minuciosa do monumento de Mafra, idéa geral da sua origem e construção e dos objectos mais importantes que o constituem*, por Joaquim da Conceição Gomes (2.ª Edição).
  - » 3236 — *Diario da Manhã — Numero comemorativo do duplo centenario* (1940).
  - » 3237 — *Le Portugal et son activité économique* (1932).

DIRECÇÃO GERAL DOS CAMINHOS DE FERRO

- » 1692-A — *Relatorio da Direcção Geral dos Caminhos de Ferro, referente ao ano de 1942* (1943).

INVALIDOS DO COMÉRCIO

- » 1801-A — *Relatorio e Contas da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal da Gerencia de 1943*.

## CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

- N.º 2604-C/D — *Revista Municipal* n.ºs 16 e 17 (1943/1944).
- » 2791-A — *A Ribeira de Lisboa*, Vol. V, por *Julio de Castilho* (1944).
  - » 3135-A/I — *Diário Municipal* (anos de 1939 a 1943).
  - » 3319 — *Monsanto, Arboreto de Lisboa*, pelo Prof. *Rui Teles Palhinha* (1943).
  - » 3220 — *Museus das Cidades*, por *João Couto* (1943).
  - » 3221 — *Que haja flores e plantas nas cidades*, por *Carlos d'Arruda Furtado* (1943).
  - » 3222 — *O Jardim Regional*, pelo Prof. *João de Carvalho e Vasconcelos* (1943).
  - » 3223 — *Rosa Araújo e a Vida Lisboeta*, por *Luiz de Oliveira Guimarães* (1943).
  - » 3224 — *Rosa Araújo, o comerciante, o filantropo, o edil*, por *Joaquim Roque da Fonseca* (1943).
  - » 3225 — *Catalogo da Exposição comemorativa do centenário do nascimento de Antonio de Sousa Bastos* (1944).

## CAMARA MUNICIPAL DO PORTO

- » 2732-B/C — *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, (n.º 3/4, Vol. VI (1943), n.º 1, Vol. VII (1944)).

## DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE VIAÇÃO

- » 2737-A — *Relatorio da Direcção Geral dos Serviços de Viação* (referente ao ano de 1942).

## ENFERMEIRO-MÓR DOS HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

- » 2740-B — *Boletim Clinico e de Estatistica dos Hospitais Civis de Lisboa*, n.º 20 (1943).

## MUSEUS NACIONAIS DE ARTE ANTIGA

- » 2862-B — *Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga*, n.ºs 9/10, Vol. III (1944).

## «RECORTE»

- » 2080-A/B — *Recorte de Jornais — de Julho a Dezembro de 1943 e de Janeiro a Abril de 1944.*

SOCIEDADE DE ESTUDOS AÇOREANOS «AFONSO CHAVES»

N.º 2884-A — *Açoreana*, fac. II — vol. III (1943).

DIRECÇÃO GERAL DOS EDIFÍCIOS E MONUMENTOS NACIONAIS

- » 2943-B — *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, n.º 32 (1943).

UNIÃO DOS GRÉMIOS DOS LOJISTAS DE LISBOA

- » 2911-D/H — *Boletim da União dos Grémios dos Lojistas de Lisboa*, n.º 38 a 44 (1944).

ANACLETO BERNARDINO DE MIRANDA

- » 2921-A/B — *Ação Médica*, fasc. XXIX a XXXI (1943/44).

GASPAR MARIA LEAL GOMES PEREIRA CABRAL

- » 2958-F/K — *Broteria*, fasc. 2/6 vol. XXXVIII — fasc. 1 — vol. XXXIX (1944).

ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA

- » 2959-H/M — *Indústria Portuguesa* n.º 192 a 197 (1944).
- » 3263 — *Relatório e Parecer da Comissão revisora de contas da Associação Industrial Portuguesa — Gerência de 1943* (1944).

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA

- » 2963-C/E — *Gil Vicente*, n.º 11/12 — Vol. XIX, 1/6 — Vol. JX (1934/44).

AUGUSTO CUNHA

- » 2966-F/K — *O Mundo Português*, n.º 121 a 126 (1944).

JUNTA DA PROVÍNCIA DA ESTREMADURA

- » 2967-C — «*Estremadura*» (*Boletim da Junta da Província da Estremadura*) n.º 5, 2.ª Série (1494).

ÁLVARO PINTO

- » 2968-G/L — *Ocidente*, n.º 71 a 76 (1944).



## COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO DE ÉVORA

N.º 2990-B — *A Cidade de Évora (Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora) n.º 5 (1943).*

## RAMIRO DE BARROS E SILVA

- » 2991-L/X — *Imprensa Médica*, n.º 3 a 14 (1944).

## EDIÇÕES DO GRUPO E OBRAS ADQUIRIDAS

- » 2992-G/L — *Revista de Portugal — Língua Portuguesa — Série A Vol. IV e V*, n.º 18 a 23 (1944).
- » 3001/6 — *História de Portugal*, vols. 1 a 6, por Fortunato de Almeida (1922).
- » 3007/16 — *As Obras do Cardeal Saraiva*, tomo 1 a 10 (1872).
- » 3017/26, 3026-A/3026-Z, 3026-AA/3026-AP — *Olissipo* n.º 23 a 27 (1943/44).
- » 3099/B — *Ruas de Lisboa*, Vol. 1 a 3, por Gomes de Brito.
- » 3040/G — *Arqueologia e História*, vols. 3 a 10. (1924/1932).
- » 3062 — *Subsídios para um Dicionário de Pseudonymos — Iniciaes e obras anonymas de Escriutores Portugueses*, por Martinho Augusto da Fonseca (1896).
- » 3063/63 A — *Quinta e Palacio da Bacalhoa em Azeitão*, por Joaquim Rasteiro (1895/98).
- » 3065 — *Eva*, n.º 863 (1943).
- » 3090/T — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Vols. 1 a 21, por D. António Caetano de Sousa (1735/1748).
- » 3091/C — *Revista Archeologica e Historica*, Vols. 1 a 4, (1887/1890).
- » 3121 — *Pelos suburbios e vizinhanças de Lisboa*, por Gabriel Pereira (1910).
- » 3122/A — *Do Desafio à Debandada — I O Pesadêlo — II Cheque ao Rei*, por Carlos Malheiro Dias (1912).
- » 3123/E — *Theatro de Molière*, Vols. 1 a 6, por António Feliciano de Castilho (1867/1878).
- » 3124/K — *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, Vols. 1 a 12 (1930/1942).
- » 3125/B — *Gil Braz*, Vols. 1 a 3 (1899/1902).
- » 3126/B — *O Domingo Ilustrado*, Vols. 1 a 3 (1925/1927).
- » 3127/A — *Inventário dos Livros de Matrícula dos moradores da Casa Rial (1640/1744) — Vols. 1.º e 2.º (1917).*
- » 3128/A — *Inventário dos Livros das Portarias do Reino (1653/1664) Vols. 1.º e 2.º (1909/1912).*
- » 3129/J — *Monarchia Lusitana*, Vols. 1 a 11 (1806).
- » 3130/J — *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vols. I a X.
- » 3142/G — *A Ilustração (Revista de Portugal e do Brasil)*, Vols. 1 a 8 (1884/1891).
- » 3143/G — *Brasil-Portugal*, Vols. 1 a 16 (1899/1913).

- N.º 3144 — *Archivo Heraldico — Genealogico — Parte I — Archivo e Suplemento*, pelo Visconde de Sanches de Baiena (1873).
- » 3145/B — *Diccionario Histórico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Construtores Portugueses ou ao servido de Portugal*, Vols. 1 a 3, por Sousa Viterbo (1899/1922)
- » 3208 — *O Cruzeiro de Arroios (Seculo Ilustrado n.º327)* (1944).
- » 3209 — *L'Histoire du Costume Féminin* — de l'an 1037 á l'an 1870, por Paul Louis de Giafféri.
- » 3210 — *XVIII<sup>e</sup> Siècle Institutiones, Usages et Costumes*, por Paul Lacro (1875).
- » 3211 — *O Porto na Berlinda — Memorias d'uma familia Portuense* —, por Alberto Pimentel (1894).
- » 3212 — *Reinado e Ultimos Momentos de D. Pedro V*, por José Maria de Andrade Ferreira (1861).
- » 3213/A — *Relações Externas de Portugal — Reinado de D. Pedro V — Vols. 1.º e 2.º*, por Eduardo Brazão (1938).
- » 3214-A/O — *Novo Almanach de Lembranças Luzo-Brazileiro*, (de 1851 a 1891).
- » 3215/B — *Chronica de Carmelitas Descalços*, Vols. 1 a 3, por P. Fr. Belchior de S. Anna, Fr. João do Sacramento e Fr. Joseph de Jesus Maria (1657/1721/1753).
- » 3216 — *Noticia da doença de que faleceu Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V* (1862).
- » 3217 — *Noticias Archeologicas de Portugal*, pelo Dr. Emilio Hübner (1871).
- » 3218 — *O Atheneu-Artistico-Litterario (Gazeta Illustrada)* (1880/1881).
- » 3267/B — *Comércio e Indústria — Galeria Biográfica Contemporanea Luso-Brasileira*, vols. 1 a 3 (1880/1888).
- » 3268 — *Academia Celebrada pelas Religiosas da Ordem Terceira de S. Francisco do Convento de Nossa Senhora de Jesus de Lisboa, no dia da solemne inauguração da Estatua del Rey Dom José I Nosso Senhor* (1774).

EDIÇÕES GAMA

- » 2994/P — *Aléo* — (Boletim das Edições Gama) n.º 4 a 11 (1944).

JOÃO MARIA FERREIRA

- » 3027 — *Matéria e Vida — O Homem — O Universo — Deus — Religião e Moral*, por Lapas de Gusmão.
- » 3028 — *Almanaque de Santo António para 1944* (1943).
- » 3029 — *A morte da águia — Poema heróico*, por Jaime Cortezão (1910).
- » 3030 — *Vida Vitoriosa*, por João de Barros (1943).
- » 3031 — *As tuas mãos misericordiosas — Homo-Dionisiacas*, por Candido Guerreiro (1943).

- N.º 3032 — *Au Bord du Styk*, por Mauriel d'Hartoy (1942).
- » 3033 — *Um ano da minha vida* — Poemas — por Mimi Monteiro (1943).
  - » 3034 — *Catalogo da XL Exposição de Pintura e Escultura da Sociedade Nacional de Belas Artes* (Salão da Primavera) (1943).
  - » 3035/B — *Boletim da Casa das Beiras*, n.º 1/3 (1943).
  - » 3055 — *Lirica de Camões* (1932).
  - » 3056 — *O Direito de Expressão nos Tribunais*, pelo Dr. Pedro da Costa Pereira (1943).
  - » 3057 — *Roteiro da Serra do Gerez* (1935).
  - » 3058 — *Os Pescadores*, por Raul Brandão.
  - » 3059 — *Poesias*, por Raimundo Corrêa (4.ª Edição) (1922).
  - » 3060 — *Coimbra, na obra poética de João Maria Ferreira*, por F. Faloão Machado (1943).
  - » 3061 — *A mocidade de Antero*, por Victor de Sá (1942).
  - » 3068 — *A Obra dos Bombeiros em varios Países da Europa*, por José de Brito (1934).
  - » 3069 — *A Obra dos Bombeiros — Congresso Internacional de Bombeiros — Alemanha 1935 e Exposição de Serviços de Incendios em Dresden*, por José de Brito (1935).
  - » 3070 — *A Obra dos Bombeiros — Instruções para a População Civil se proteger no caso de ataque aereo*, por José de Brito (1936).
  - » 3071 — *A Obra dos Bombeiros — Exposição de Paris 1937 — Congresso Internacional de Bombeiros*, por José de Brito (1937).
  - » 3072 — *A Obra dos Bombeiros em Portugal e no Estrangeiro, como se trabalha e como se progride*, por José de Brito.
  - » 3073 — *Concurso Internacional de Bombeiros em Turim, e visita a alguns Quarteis de Bombeiros da França e Itália*, por José de Brito.
  - » 3074 — *Boletim de Trabalho Historico*, n.º 3, Vol. VII (1942).
  - » 3075 — *Pinheiro Torres, médico de Camilo (Subsidios para a sua biografia)*, por Apio Garcia (1943).
  - » 3076 — *O Drama de Marisia*, por Henrique Sienkiewiez (1943).
  - » 3077 — *Poesias Completas*, por Machado de Assis (1900).
  - » 3078 — *Coração — O Ditador* —, por Emilia de Sousa Costa (1942).
  - » 3079 — *Polvora sem Fumo*, por Cunha e Sá (1935).
  - » 3080 — *Memorias de Claudio Chamusca*, por Cunha e Sá (1937).
  - » 3081 — *O Homem e Deus*, por D. Ernesto Sena de Oliveira (1940).
  - » 3082 — *Alguns aspectos da vida e obra de Stefan Zweig*, por Antonio Augusto Apio Garcia (1942).
  - » 3083 — *Tormenta*, por Antonio Tavares (1943).
  - » 3084 — *Camilo Místico*, por José Gonçalves de Andrade (1943).
  - » 3085 — *Graças e Matizes*, por Luiz Bairradas (Almedina) (1943).
  - » 3086 — *Avena Rústica*, por Augusto Gil.

- N.º 3087 — *História do João Gigante*, por Henrique Marques Junior (1943).
- » 3088 — *Paz Bendita* (Peça-poema sobre episódios da guerra actual), por Antonio de Oliveira (1915).
- » 3089 — *Contos Maliciosos*, por Cunha e Sá (1943).
- » 3114 — *Quem são os alemães*, por João Paulo Freire (Mario) (1943).
- » 3115 — *O Japão, na historia, na literatura e na lenda*, por César dos Santos (1943).
- » 3116 — *Fases dum combate*, por Delfim Teixeira da Mota (1943).
- » 3117 — *Arte Primitiva* (Biblioteca Cosmos, n.º 242/43), por L. Adam (1943).
- » 3118 — *Miniaturas*, por Gonçalves Crespo (1943)..
- » 3119 — *As Pupilas do Senhor Reitor*, por Julio Diniz (1943).
- » 3120 — *Caminho desta vida*, por J. Ferreira Fontes, S. J. (1943).
- » 3131 — *Cadernos Azuis*, n.ºs 9 e 10 — Antero de Quental — *Apogeu, Decadencia e Morte*, por Antonio Ramos de Almeida (1944).
- » 3132 — *Galgos e Lebres* (Contos humoristicos de caça), por Cunha e Sá (1932).
- » 3133 — *Os Cavaleiros da Távola Redonda*, por Henrique Marques Junior (1943).
- » 3134 — *O Sarapico, e outras historias*, por Isaura Correia Santos (1943).
- » 3136 — *Singelos — Sonetos*, por Cunha e Sá (1941).
- » 3137 — *Arrebol — Poesias*, por Vasco Couto (1943).
- » 3148 — *Flores de Saüdade*, por C. Rademaker, S. J. (1928).
- » 3149 — *Em busca de um ponto de vista critico para a cultura*, por Alberto Pimenta (1943).
- » 3150 — *Frederico o Grande*, por Macanlay (1944).
- » 3151 — *Miragem*, por Mario Luar (1942).
- » 3152 — *Barbarismos da linguagem*, por A. de Faria Artur (1943).
- » 3153 — *Peregrinações* (1368 a 1908) (Versos), por Candido de Figueiredo (1908).
- » 3154 — *O Problema do Crime* (Biblioteca Cosmos n.º 55), por Alvaro Soares (1944).
- » 3155 — *Religiões Primitivas* (Biblioteca Cosmos, n.ºs 56/57), por Flausino Tôrres (1944).
- » 3156 — *Terras de Portugal*, por Antonio Montês.
- » 3157 — *A Paixão da Ti Joaninha*, por Emilia de Sousa Costa (1937).
- » 3158 — *Camafeus Romanos*, por Engenio de Castro (1921).
- » 3159 — *Da Formação moral e civica do homem*, por Bertino Daciano R. S. Guimarães (1943).
- » 3160 — *Primavera*, por João Saraiva (1889).
- » 3161 — *Outomnaes*, pelo Dr. Patrocínio da Costa (1888).
- » 3162 — *Supplemento ás Outomnaes*, pelo Dr. Patrocínio da Costa (1889).
- » 3163 — *Triste vida a da Raposa*, por Emilia de Sousa Costa (1943).

- N.º 3164 — *Viagem ao fim da noite*, por *Louis Ferdinand Celine* (1944).
- » 3165 — *A Festa do Adro*, por *Sidónio Miguel* (1944).
- » 3166 — *Um curso de férias em Santander* (de 1 a 31 de Agosto de 1943), por *Manuel Carlos Martins* (1943).
- » 3167 — *A Alma e o Deserto*, por *Américo Cortez Pinto* (1941).
- » 3168 — *O Canto do Cysne*, por *João Penha* (1923).
- » 3169 — *Principio e Intermédio — Poemas —*, por *Vaz Craveiro* (1944).
- » 3170 — *Valor Estético da Poesia na Literatura Portuguesa Moderna*, por *Délio Nobre Santos* (1943).
- » 3171 — *O Pôrto*, por *Miguel Torga* (1944).
- » 3172 — *Canções, Epistolas e Satyras*, por *Bocage*.
- » 3173 — *Solsticio*, por *Fausto José* (1940).
- » 3174 — *Poema da Tentação*, por *Américo Cortez Pinto* (1922).
- » 3175 — *Cravos de Papel*, por *Engenio de Castro* (1922).
- » 3176 — *Descendo a Encosta*, por *Eugenio de Castro* (1924).
- » 3177 — *Educativas*, pelo *Prof. Manuel Subtil* (1923).
- » 3178 — *As prosas de Antero de Quental*, por *Victor de Sá*.
- » 3179 — *Escola Franciscana*, pelo *P. Ilidio de Sousa Ribeiro* (1944).
- » 3180 — *Diario dum Emigrante*, por *Joaquim Paço d'Arcos* (1942).
- » 3181 — *Exposição retrospectiva, póstuma e de homenagem ao Pintor Ezequiel Pereira* (1944).
- » 3182 — *Os Sonetos*, por *Bocage* (1937).
- » 3183 — *Sonetos de Camões*, por *Joaquim Ferreira* (1942).
- » 3184 — *Galo Doido*, por *Augusto da Costa* (1942).
- » 3185/B — *A volta ao Mundo*, Vols. 1 a 3, por *V. Blasco Ibañez* (1944).
- » 3186 — *Versos Portugueses* (1481/1558), por *Sú de Miranda* (1909).
- » 3187 — *Paz e Amor*, por *Victoria Régia* (1944).
- » 3188 — *Mendigo de Deus*, pelo *Padre Moreira das Neves* (1944).
- » 3189 — *Parábola da Mulher de Loth*, por *Agostinho da Silva* (1944).
- » 3190 — *A Amorosa Canção*, por *Alvaro de Castelões* (1944).
- » 3191 — *Salazar de Frente*, por *Alexandrino Costa* (1944).
- » 3192 — *Cardeal Cerejeira*, por *Alexandrino Costa* (1944).
- » 3193 — *Uma Alma de Mulher*, por *Arminda Fortes* (1944).
- » 3194 — *Aranhas, aranhões e aranhões* (*Biblioteca Cosmos*) n.º 58, por *Eduardo de Sousa d'Almeida* (1944).
- » 3195 — *Animais Migradores* (*Biblioteca Cosmos* n.º 53), por *António de Oliveira Matos* (1944).
- » 3196 — *Um Povo Miúdo — As abelhas* (*Biblioteca Cosmos* n.º 33) (1943).
- » 3197 — *As Églogas*, por *Francisco Rodrigues Lobo* (1924).
- » 3198 — *Bom Jesus do Monte*, por *Alberto Feio* (1930).
- » 3199 — *Higiene Elementar*, pelo *dr. Ludgero Lopes Parreira* (1941).

- N.º 4200 — *Gerez* (Notas Etnográficas, Arqueológicas e Históricas), por *Tude M. de Sousa* (1927).
- » 3201/A — *História Universal*, vols. 1 e 2, por *Clemência Jacquet* (1914).
  - » 3202 — *Guia do viajante em Braga* (2.ª Edição), por *Azevedo Coutinho* (1905.)
  - » 3203 — *Guia Ilustrado da Zona de Turismo — Braga-Bom Jesus* (1929).
  - » 3204 — *Vegetais maravilhosos* (Biblioteca Cosmos n.º 59) por *António de Oliveira Matos*.
  - » 3205 — *Como se forma uma inteligência* (Biblioteca Cosmos n.º 60), pelo *dr. Toulouse* (1944).
  - » 3206 — *A organização fundamental dos seres vivos* (Biblioteca Cosmos n.º 62), por *Luiz Ernani Dias Amado* (1944).
  - » 3207 — *A Descoberta do Mundo Vegetal* (Biblioteca Cosmos n.º 63), por *Alberto Miranda* (1944).

GRUPO «OS CARLOS»

- » 3036/C — «*Os Carlos*» Boletins n.ºs 4 a 7 (1943/44).

TUDE M. DE SOUSA

- » 3037 — *Cadeia de Belém* (Notas de Investigação Prisional) pelo *oferente* (1941).
- » 3041 — *Comendadeiras de Santiago*, pelo *oferente* (1940).

SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

- » 3038 — *Cadernos da Revolução Nacional — Passado-Presente-Futuro* (1943).
- » 3043/A — *Aperçu Général du Corporativisme Portugais*.
- » 3044 — *Casas Económicas* (1943).
- » 3064 — *Os saldos não são para vista!*
- » 3066/A — *A Missa de Féria, do Padre Manuel Mendes*, por *Manuel Joaquim* (1942).
- » 3250 — *Ouro Preto — Uma Cidade antiga do Brasil* (1943).
- » 3251 — *O Corporativismo é uma realidade*.
- » 3252 — *Dez anos de Política do Espírito*, por *António Ferro* (1943).

GRÉMIO NACIONAL DOS EDITORES E LIVREIROS

- » 3042/Z — *Livros de Portugal* — n.ºs 1/29 (1940/1944).

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

- » 3045 — *O Sanatório de Sant'Ana*, pelo *dr. Albino Máximo de Campos Soares* (1943).

J. M. SANTOS SIMÕES

N.º 3046 — *Tomar e a sua Judaria*, pelo oferente (1943).

CAMINHOS DE FERRO ALEMÃES

- » 3047 — *A guerra vai acabar*, por Félix Correia (1941).
- » 3048 — *Mil pensamentos de Adolfo Hitler*, por Eduardo Frias (1941).
- » 3049 — *Fridericus*, por Walter von Molo (1937).
- » 3241 — *Moderna Architectura Alemã* (1941).

JULIETA FERRÃO

- » 3050/51 — *Lisboa... 1870!*, pela oferente (1943).

ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA

(Sidónio Miguel)

- » 3052 — *Elucidário Prático da Doutrina Corporativa*, pelo oferente (1943).
- » 3111 — *A viagem mil da C. C. N.* — Número único publicado pelo pessoal dos Escritórios da Companhia Colonial de Navegação (1943).
- » 3165 — *A Festa do Adro*, pelo oferente, (1944).

EDUARDO AUGUSTO DA SILVA NEVES

- » 3053 — *Lisboa nos Ex-Libris*, pelo oferente (1943).

J. M. CORDEIRO DE SOUSA

- » 3054 — *Fotografia do Quadro de Miguel Angelo Lupi, que representa o Marquês de Pombal aprovando o projecto para a reedificação da cidade de Lisboa.*

MADELEINE LACERDA

- » 3067/B — *Cartas a um proviniviano, de Zé Manel*, por Alvaro de Lacerda (1934).

MANUEL CHAVES CAMINHA

- » 3092/I — *Boletim da União do Grémio dos Lojistas do Pôrto n.º 9/18* (1942/43).
- » 3093 — *Doze mil contos de multa... porque faltou um papel...*, pelo dr. António Judice Bustorff da Silva (1930).
- » 3094 — *Banco de la Nación Argentina.*

- N.º 3095 — *Código de Falências* (Decreto-lei n.º 25.981 de 26 de Outubro de 1935, com índice geral e remissivo).
- » 3096 — *Corporações e Previdência Social* (Decretos-leis n.ºs 23.048 a 23.053).
  - » 3097 — *Necessidade da reforma obrigatória para os comerciantes*, por Manuel Pereira (1935).
  - » 3098 — *Dois contratos burlas*, pelo dr. Camarate de Campos (1932).
  - » 3099 — *As condições dos Aliados para a Paz*, por J. W. Headlan (1917).
  - » 3100 — *A nota alemã e a resposta dos aliados* (1917).
  - » 3101 — *A Lei das águas minerais é uma lei iníqua e afrontosa, que, para bem da saúde pública e da liberdade médica, e em nome da Moral e da Justiça, urge remediar* (1926).
  - » 3102 — *Conferência do sr. Ruy Barbosa no Theatro Petropolis, em Petropolis aos 17 de Março de 1917.*
  - » 3103 — *O caso dos Aliados segundo as respostas dos Aliados ao presidente Wilson e ao despacho do Ministro dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, o snr. Arthur James Balfour* (1917).
  - » 3104 — *O que revela o orçamento*, por Archibald Hurd (1916).
  - » 3105 — *Código Eleitoral* (14.ª Edição) (1925).
  - » 3106 — *Campanha do Trigo para 1929/1930*, por A. de Seabra e N. S. Grieve (1930).
  - » 3107 — *O caso do Banco do Minho* — «Minuta com que foi instruído o processo de injusta pronúncia do arguido Raul Monteiro Pinto, pelo dr. Luiz Veiga (1932).
  - » 3108 — *O caso do Banco do Minho* — «Acórdão do Venerando Tribunal da Relação do Porto, de 17 de Dez.º de 1932, que respronunciou todos os arguidos (1933).
  - » 3247 — *A autoria dos esboços e a propriedade industrial ou a reprodução dos mesmos pelos industriais*, pelo dr. Carlos Granja (1929).
  - » 3248/F — *O Moleiro* — Revista Técnica, Económica e Financeira n.ºs 2/9 (1935/36).

MÁRIO DE SAMPAIO RIBEIRO

- » 3109 — *Aspectos Musicais da Exposição de «Os Primitivos Portugueses»*, pelo oferente (1943).
- » 3110 — *O Retrato de Damião de Goes*, por Alberto Dürer, pelo oferente (1943).

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

- » 3112 — *Relatório dos serviços desempenhados durante o ano de 1940, pela Polícia de Segurança Pública de Lisboa* (1941).
- » 3113 — *Anuário de 1940 da Guarda Nacional Republicana* (1941).



N.º 3258 — *Fradique Mendes símbolo dos «Vencidos da Vida»*, pelo oferente (1942).

- » 3259 — *Sermão de Santo António aos peixes*.

EMPRESA DO «JORNAL DO COMÉRCIO E DAS COLÓNIAS

- » 3138/D — *Rádio Nacional* (Programas) anos de 1939/1943).
- » 3139/D — *Rádio Nacional*, anos de 1939/1943).

REBELO DA SILVA

- » 3140/D — «*Os Ridículos*», anos de 1939/1943).

TEODORO LOPES RAMOS

- » 3141 — *Fradique*, n.ºs 1 a 84 (1934/35).
- » 3253 — *Caricaturas pessoas de Francisco Valença* — Coleção do «*Sempre Fize*», por *Francisco Valença* (1931).
- » 3254 — *Memória Histórica sobre o abastecimento de água a Lisboa até ao reinado de D. João V*, por *Jorge das Neves Larcher* (1937).
- » 3355 — *A Rua da Junqueira* (Cartas compiladas e anotadas pelo autor de algumas delas) por *Artur Lamas* (1922).
- » 3256 — *Medalhas Portuguesas e Estrangeiras, referentes a Portugal* — Memória Histórica e Descritiva, baseada na coleção iniciada por *José Lamas*, por *Arthur Lamas*, vol. I (1916).
- » 3257 — *O Diabo* (Semanário de crítica literária e artística) n.º 1 a 53 (1934/35).

COMISSÃO DE FISCALIZAÇÃO DAS OBRAS DE ABASTECIMENTO DE ÁGUAS À CIDADE DE LISBOA

- » 3146/146-A — *In Memoriam do Eng.º Duarte Pacheco* — (Boletim da Comissão de Fiscalização das obras de abastecimento de Águas à Cidade de Lisboa) (1944).

EDUARDO MOREIRA

- » 3147 — *Cultura Suíça em Portugal*, pelo oferente (1944).

F. BELARD DA FONSECA

- » 3226 — *Subsídios para a história das Alfândegas. I — Nossa Senhora da Atalaia, Padroeira das Alfândegas e N. S. da Conceição, Protectora da alfândega das Sete Casas*, pelo oferente (1944).

JOSÉ DE ALMEIDA EUSÉBIO

- N.<sup>os</sup> 3237 — *Professor Dr. José Leite de Vasconcelos*, pelo oferente (1944).  
» 3228 — *Da Mulher*, pelo oferente (1944).  
» 3229 — *Elogio do Direito, os Juristas da Restauração*, pelo oferente (1942).

MONTEPIO GERAL

- » 3238 — *Caixa Económica de Lisboa ou o Primeiro Mealheiro Público que o Montepio Geral instalou a 24 de Março de 1844* (1944).

CÂMARA MUNICIPAL DE BEJA

- » 3239 — *Câmara Municipal de Beja — Arquivo de Beja — Boletim da Câmara Municipal — fasc. 1 e 2, vol. I — (1944).*

HENRIQUE MARQUES JUNIOR

- » 3240 — *No Reino do Prodígio*, pelo oferente (1943).

CÂMARA MUNICIPAL DE MAFRA

- » 3242 — *O Brazão de Mafra — Mafra e os seus artistas*, pelo dr. Carlos Galvão (1944).  
» 3243 — *O Monumento de Mafra e as suas estradas*, por D. Fernando Pais de Almeida e Silva (1944).  
» 3244 — *Jayme de Oliveira Lobo e Silva — Francisco Vieira Lusitano*, pelo dr. A. Bento Franco (1944).  
» 3245 — *Uma sepultura curiosa — Mafra e o Papa João XX*, por Eduardo José de Vasconcelos Miranda (1943).

ENG.<sup>o</sup> JOÃO RODRIGUES DA COSTA GOMES

- » 3246 — *A Aferição de Pêsos e Balanças da Cidade de Lisboa e seu termo*, pelo oferente (1942).

ENG.<sup>o</sup> A. VIEIRA DA SILVA

- » 3249 — *Vida de Santo António*, por Fr. Braz Luiz de Abreu (1725).

NORBERTO DE ARAUJO

- » 3260 — *Legendas de Lisboa*, pelo oferente (1943).

INSTITUTO DO VINHO DO PORTO

- N.º 3261 — *Do vasilhame vinário — Notas informativas da sua história*, por Ramiro Mourão (1943).

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

- » 3262/B — *Index das notas de vários tabeliões de Lisboa entre os anos de 1580 e 1747* — Tomos I a IV (1931/44).

CHAMBRE DE COMMERCE BELGE AU PORTUGAL

- » 3264 — *Bulletin de la Chambre de Commerce Belge au Portugal*, n.º 54/60 (1939/1944).

ARQ. ANTÓNIO DO COUTO

- » 3265/265-A — *A Igreja de Santa Engrácia — Panteão Nacional* — pelo oferte (1944).

JOSÉ FRANCISCO DE OLIVEIRA

- » 3266 — *Terras de Maravilhas — Os Açores e a Madeira*, por Oldemiro César (1944).

## INDICE DO 7.º VOLUME — 1944

A IGREJA DE SANTA ENGRÁCIA, PANTEÃO NACIONAL, pelo Arq. ANTÓNIO DO COUTO .....	Pág. 212
A INSCRIÇÃO DA BICA DE ANDALUZ, por J. M. CORDEIRO DE SOUSA .....	» 30
A MADRAGÓA E O VICENTE BORGA, por LUIZ PASTOR DE MACEDO .....	» 77
A NOSSA AMIGA LISBOA, por D. MARIA MADALENA DE MARTEL PATRÍCIO .....	» 24
A OBRA DOS «AMIGOS DE LISBOA» por LUIZ TEIXEIRA	» 137
ACÇÃO CULTURAL DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA» DURANTE O ANO DE 1943 .....	» 63
ALGUMAS NOTAS SÓLTAS ACÊRCA DO PALÁCIO DO CALHARIZ QUE FOI DO MARQUÊS DE VALADA, por NORBERTO DE ARAÚJO .....	» 151
AMIGOS DE LISBOA .....	» 65
COMO SE ESCRÉVIAM CRÍTICAS HÁ 28 ANOS, por HENRIQUE MARQUES JÚNIOR .....	» 114
INSCRIÇÕES LAPIDARES DA PORTA DO FERRO, por A. VIEIRA DA SILVA .....	» 3
LUCIANO CORDEIRO, FUNDADOR DA «CARRIS», por J. M. CORDEIRO DE SOUSA .....	» 209
NO DESCERRAMENTO DUMA LÁPIDA NA CASA ONDE NASCEU TINOP, por LUIZ PASTOR DE MACEDO .....	» 145
O CONVENTO DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA, por PEDRO DA CUNHA SANTOS .....	» 56
O «GALINHEIRO» DE S. CARLOS, por ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA (SIDÓNIO MIGUEL) .....	» 34
O GRUPO «AMIGOS DE LISBOA» NA GRANDE FEIRA POPULAR DO PARQUE DE PALHAVÁ .....	» 22

O OBSERVATÓRIO DO INFANTE D. LUIZ E A CI- DADE DE LISBOA, pelo DR. H. AMORIM FERREIRA ...	Pág. 199
OBRAS OFERECIDAS E ADQUIRIDAS PARA A BI- BLIOTECA, página 124 e .....	» 245
OS MONUMENTOS DE QUE LISBOA FALECE pelo DR. AMADEU FERREIRA D'ALMEIDA .....	» 156
REFLEXÕES SOBRE A ORIGEM DO FADO, por AMARO DE ALMEIDA .....	» 50
RELAÇÃO DAS CASAS FOREIRAS EM 1539, À IGREJA DE S. CRISTOVAM, por FERREIRA DE ANDRADE Páginas 87, 159 e .....	» 231
RELATÓRIOS APRESENTADOS À ÚLTIMA ASSEM- BLEIA GERAL .....	» 121
TOPONÍMIA CIDADINA — O BÉCO DA RÉ E A TRAV. DOS ESCALERES por LUIZ PASTOR DE MACEDO .....	» 207
UM HOMEM DE CONVICÇÃO, por CARDOSO MARTHA ...	» 229
UMA ENTREVISTA COM O ARCO DO MARQUÊS DO ALEGRETE, por GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA .....	» 73
VENDEDORES AMBULANTES, por ALFREDO AUGUSTO LOPES, página 98 e .....	» 180



# FRIGORIFICOS MAIS BARATOS

Temos o prazer de participar à Ex.<sup>ma</sup> clientela  
que recebemos MODÉLOS NOVOS

Há frigoríficos desde Esc. 4.500\$00

Peça catálogo à *Electrolux, Limitada*

Avenida da Liberdade, 141 • LISBOA

TELEFONE: 28246

# COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Em 1881, há 63 anos,

a EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

constituiu-se com dois vapores no total de 2.538 toneladas;

Em 1918, sucedeu-lhe a

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

que explora hoje cêrca de 86 mil toneladas e

AO SERVIÇO DO IMPÉRIO

leva o nome de Lisboa a todos os mares do Mundo.

# Companhia do Papel do Prado

Capital Acções 7.000.000\$00

Sede em **LISBOA**



Especialidade em papéis para escrever, correspondência e livros comerciais; impressão manilhas, etc. Papéis de côres para capas e para embrulho «KRAFT» e ordinários  
Papéis affixes em côr e riscados, Cartolinas, Cartões finos, Cartão-palha, Almagos, Leornes, Mazenas, etc.

Proprietária das Fábricas do Prado, Mariancia Sobreirinho (Tomar), Penedo, Casal d'Ermio (Louzã) e Vale Maior (Albergaria-a-Velha).

Instalada para uma produção anual de oito milhões de quilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a indústria

## ESCRITÓRIOS E DEPÓSITOS

Rua dos Fanquelros, 270 a 278

**LISBOA**



Rua Passos Manuel, 49 a 51

**P O R T O**

## ENDEREÇOS TELEGRÁFICOS:

LISBOA: Pelprado — Lisboa

PORTO: Pelprado — Porto

## TELEFONES:

LISBOA { Direcção: 23623  
Escritório: 22331  
Armazém: 22335  
Estado: 188

PORTO 117

## CORREIO:

Apartado Caixa n.º 19

Esta revista é impressa em papel da  
**COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO**

Se é verdadeiro «Amigo de Lisboa»

Prefere, para os seus seguros

# A IMPÉRIO

À companhia de seguros de mais capital e que explora todos os ramos

Rua Garrett — LISBOA

## A Embelezadora Moderna

Propriedade e Direcção Técnica de  
**BENJAMIM GOMES**

Avenida Miguel Bombarda, 165-A — LISBOA

**TELEFONE 50402**

CASA ESPECIALIZADA EM ENCERAMENTOS DE SOALHOS E MOBÍLIAS

Aplainar, raspar, imitar à inglesa, encerar e lustrar

**VENDEM TODOS OS ARTIGOS DE LIMPEZA**

Passadeiras, Tapetes, Ceras para soalhos, etc., etc.

Distribuidores do produto

**“EMBELEZITA”**

A mais barata de todas

A melhor cera para soalhos, mobílias, oleados, corticite etc.

A única cera que não se pega aos pés e que conserva os soalhos na côr primitiva

UMA EXPERIENCIA CONVENCERÁ!





ADQUIRA A CERTEZA EXPERIMENTANDO OS SUPER-LUBRIFICANTES

**“EAGLOIL”**

OS OLEOS INDISCUTIVEIS PARA QUALQUER APLICAÇÃO  
RESULTADOS SEGUROS E ECONÓMICOS

Exclusivo de

**H. VAULTIER & C.ª**



ORGANISAÇÃO **“EAGLOIL”**

EMPRESA DE  
NAVEGAÇÃO



**WIESE & C.ª**



RUA DO ALECRIM, 12  
L I S B O A  
TELEFONES 2 0 1 8 1 / 2

# Empreza Insulana de Navegação

## CARREIRAS REGULARES ENTRE Lisboa, Madeira e Açores

### Escalas e datas das saídas dos vapores:

Em 8 de cada mês para: Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa, (Santa Cruz), S. Jorge (Calheta), Lages do Pico e Faial.

Em 23 de cada mês para: Madeira, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Velas), Cais do Pico, Faial, Côrvo e Faial (Lages e Santa Cruz).

A escala da Ilha do Côrvo só se efectua nos meses de Maio, Junho, Julho, Agosto e Outubro, tocando também o vapor naquele porto no mês de Fevereiro só para troca de correspondência e serviço de passageiros.

---

### AGENTES:

## GERMANO SERRÃO ARNAUD

Avenida 24 de Julho, 2.º D.

LISBOA

Telefone 20214

Na Madeira

BLANDY BROTHERS & C.º

Em Ponta Delgada.

BENSAUDE & C.ª

APRÓXIMA-SE

**1945**

ano de regresso à Paz, comemorativo dos centenários de dois ilustres escritores :

**OLIVEIRA MARTINS**

e

**ÇA DE QUEIROZ**

a

*Parceria António Maria Pereira*

que se notabilizou pelas valiosas edições de livros de guerra, prepara as suas sensacionais edições de livros de Paz.

**Eduardo Gomes Cardoso**

**CONSTRUTOR MECÂNICO**

**AVENIDA 24 DE JULHO, 26**

En. tel. : EDCARD

Tel. 60239

**LISBOA**

Máquinas para a indústria corticeira. Máquinas para a indústria de conservas. Geradores de gás pobre para lenha, desperdícios de madeiras, antracites e carvões vegetais.

**Bombas centrífugas e rotativas**

Transmissões: veios, uniões rígidas e de fricção (embreagem), chumaceiras de rolamentos esféricos, automáticas e de tipo Sellers.

**Construções e reparações mecânicas**

**DESENHOS E ORÇAMENTOS**

CAFÉ-RESTAURANTE

**MARTINHO  
DA ARCADA**

O mais antigo estabelecimento do género.

Primoroso serviço de  
**ALMOÇO e JANTARES**

**Arcada da Praça do Comércio**

(Esquina da R. da Prata)

— Telef. **2 2259** —

**COMPANHIA  
ALCOBIA**

**Fornecedores dos melhores  
e mais lindos mobiliários**

CÓMODAS DE ESTILO — PORCELANAS DE SAXE — ESPELHOS DE VENEZA — CANDEEIROS DE CRISTAL, DE FERRO FORJADO E DE MADEIRA — TAPEÇARIAS — MARQUISSETTES E VOILES SUIÇOS — CARPETES DE Lã



**Companhia ALCOBIA**

R. Ivens, 14 (esquina da R. Capêlo)

— Telef. **2 6441** —

# ESTORIL COSTA DO SOL

(a 23 quilómetros de Lisboa)

CLIMA EXCEPCIONAL DURANTE TODO O ANO

## PALACIO - HOTEL

Elegante e confortável

## HOTEL DO PARQUE

Instalações modernizadas

## ESTORIL - TERMAS

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico  
— Ginástica — Cultura Física — Sala de Armas — Análises clínicas

## HOTEL DE ITALIA

(Monte Estoril) — Boa situação

## T A M A R I Z

Magnífica esplanada sôbre o mar — Restaurante — Bars

## C A S I N O

Aberto todo o ano — Concertos — Cinema — «Dancings» — Restaurante — Bars — Jogos autorizados pelo Govêrno

PISCINA DE ÁGUA TÉPIDA — «STANDS» DE TIRO — ESCOLA DE EIQUITAÇÃO

Informações: **SOCIEDADE PROPAGANDA DA COSTA DO SOL — ESTORIL**

# Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

S. A. R. L.

Capital: 22.000.000\$00 ◀ Fundos de Reserva: 99.500.000\$00

SEDE: 95, Rua do Comércio, 119 — LISBOA

**Filiais** — Pôrto, Coimbra, Braga, Faro e Covilhã.

**Agências** — Abrantes, Estoril, Gouveia, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Mafra, Torres Vedras, Tortozendo, Moura e Figueiró dos Vinhos.

**Dependências urbanas (LISBOA)** — Alcântara, Almirante Reis, Conde Barão e Poço do Bispo,  
..... (PÔRTO) — Matozinhos, .....

**EFFECTUA TÔDAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS**

## A Corôa de Ouro

FLÔRES PARA ORNAMENTAÇÕES, VESTIDOS E CHA-  
— : — : PÉUS : — : —

FLÔRES DE LARANJEIRAS  
— : PARA NOIVA : —

AJOUR E BOTÕES POR-  
— : — : RADOS : — : —

94-R. do Crucifixo-98  
Telefone 20100

Alberto Alves Natário

Encadernações simples e de luxo

Vivenda Yolanda  
Bairro da Ming  
AMADORA

Para a realização dos seus seguros prefira a

## Ultramarina

A COMPANHIA ESTRUTURALMENTE PORTUGUESA  
DE MAIORES RESERVAS LIVRES

SEDE EM LISBOA—Rua da Prata, 108-telef. P. A. B. X. 23348/9



## Bertrand (Irmãos), L.<sup>da</sup>

Fotogravura  
Tipografia  
Fotólito  
Desenho

T. Condessa do Rio, 27 — Telef. 21368-21227



## Ouvivesaria da Guia

Fundada em 1875

Jóias e Ouro e Pratas e Relógios

Rua Martim Moniz, 2-10 / Telefone 2 8336  
Rua da Mouraria, 7-11 LISBOA

## CASA dos PANOS

A PRIMEIRA CASA  
DA ESPECIALIDADE

Sortimento completo em  
panos brancos e de cor  
e em linhos de todas as  
larguras

43. R. DOS FANQUEIROS. 49

## «OCIDENTE»

REVISTA MENSAL PORTUGUESA

DIRECTOR

ÁLVARO PINTO

R. de S. Félix, 77-1.º Dto. — LISBOA